



Nordeste em Prosa e Cordel

Fernando Macedo e Rodrigo Marques (orgs.)

**LAB
SUL**

Ed. 
UECE

Nordeste em Prosa e Cordel

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR

Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira

Ana Cristina de Moraes

André Lima Sousa

Antonio Rodrigues Ferreira Junior

Daniele Alves Ferreira

Erasmus Miessa Ruiz

Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão

Heraldo Simões Ferreira

Jamili Silva Fialho

Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro

Paula Bittencourt Vago

Paula Fabricia Brandão Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho

Sarah Maria Forte Diogo

Vicente Thiago Freire Brazil

CONSELHO EDITORIAL DO SELO LABSUL

Local:

Prof. Dr. Rodrigo de Albuquerque Marques (MIHL-FECLESC)
Prof. Dr. Manoel Carlos Fonseca de Alencar (MIHL-FECLESC)
Profa. Dra. Maria do Socorro Pinheiro (MIHL-FECLI)
Profa. Dra. Sarah Maria Forte Diogo (MIHL-FECLESC)
Prof. Dr. Pablo Diego Mañé Solari (UECE)
Ms. Alênio Carlos Noronha Alencar (CSCA - Secult-Ce)
Ms. Fco. Rafael Silva Barros (artista e diretor de arte da Aluá Editora)
Aline Silva Nobre (cordelista e editora)
Bruno Paulino do Nascimento (cordelista e professor da E.E.M.T.I Cel Humberto Bezerra em Quixeramobim)
Ms. Antônio Marques Pereira Filho (professor da EEM Gov. LGFM)
Ms. Júlio César Fernandes Lira (artista visual)

Nacional:

Dra. Mary Anne Warken Soares Sobottka (UFSC)
Dr. Walter Carlos Costa (UFC/ UFSC/ CNPq)
Dr. Fernando Cezar de Macedo Mota (Instituto de Economia - UNICAMP)
Dr. Vicente Eudes Lemos Alves (Instituto de Geografia - UNICAMP)
Dr. Pedro Ipiranga Júnior (UFPR)

Internacional:

Dr. Carlos Chacón Zaldívar (Universidad de Matanzas - Cuba)
Dr. Jorge Luis Rodríguez Morell (Universidad de Matanzas - Cuba)
Ms. Mabel Domínguez (Universidad de Matanzas - Cuba)
Dra. Paula Maria Guerra Tavares (Universidade Porto - Portugal)

Nordeste em Prosa e Cordel

Fernando Macedo e Rodrigo Marques (orgs.)

**LAB
SUL**

Ediç^{ão}
UECE

1ª Edição | Fortaleza | 2024

Nordeste em prosa e cordel

©2024 *Copyright by Fernando Macedo e Rodrigo Marques*

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou a utilização para fins comerciais.

Coordenação Editorial

Cleudene de Oliveira Aragão / Nayana Pessoa

Diagramação

Elígia Filgueiras

Ilustração

Silva Barros

Revisão de Texto

Denise Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nordeste em prosa e cordel [livro eletrônico]/(orgs.)
Fernando Macedo, Rodrigo Marques. -- 1. ed. --
Fortaleza, CE : Editora da UECE,
2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-85-7826-950-0

1. Literatura de cordel - Brasil, Nordeste 2. Literatura
de cordel - Coletâneas I. Macedo, Fernando. II. Marques,
Rodrigo.
24-235215 CDD-331.129

Índices para catálogo sistemático:

1. Mercado de trabalho : Economia 331.129
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará

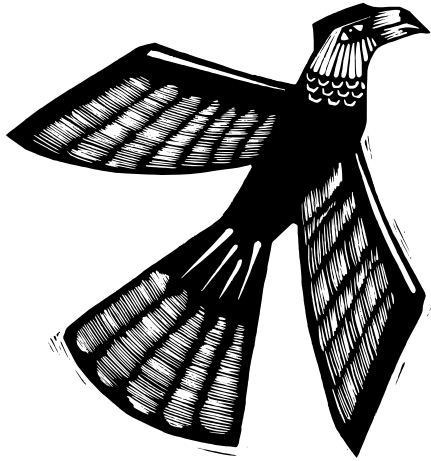
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893

www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora afiliada à



a Vicente Alves



Sobre este livro

Este livro é patrocinado pelo Edital de Premiação de Projetos de Arte e Cultura da PROEEC/Unicamp cujo objetivo foi “apoiar o desenvolvimento de ações culturais que promovam o fortalecimento da cultura integrada ao ensino, à pesquisa e à extensão, ampliando a atuação da universidade pública nas transformações sociais e no fortalecimento da cidadania”.

A obra é resultado da minha experiência recente na escrita de cordéis e dos trabalhos que desenvolvo na universidade com meus colegas Vicente Alves (IG/Unicamp) e Rodrigo Marques (FECLESC/UECE). Transformei em versos parte do conteúdo da disciplina Geografia Regional do Brasil: Nordeste, que ministro anualmente com Vicente no curso de graduação em Geografia da Unicamp. Escrever literariamente parte do que ensino na universidade é uma experiência singular. Meus cordéis, *Nordeste – Belezas e encantos*; *Nordeste, o começo do Brasil*; *Beato Lourenço e a luta pela terra e Profetas da chuva*, *Profetas do Sertão* dialogam com que discuto em sala de aula, inclusive em minha disciplina de pós-graduação, na qual discuto o desenvolvimento regional no Brasil.

Outros trabalhos meus neste livro ligam-se à minha origem nordestina e à liberdade poética que todo artista tem para escolher e escrever sobre temas que lhe tocam. Meu reencontro literário com o Nordeste, que sempre esteve presente em minhas pesquisas acadêmicas, tem muito a ver com Rodrigo Marques, que conheci, em 2019, em Fortaleza, minha cidade natal, quando estava concluindo meu livro *Jáder de Carvalho e o Nordeste: literatura, jornalismo e região*.

Por sugestão dele, escrevi, em 2021, um cordel sobre Jáder para uma coleção de dez personalidades ilustres de Quixadá (CE) e Quixeramobim (CE). Sabedor que eu fizera durante a pandemia a

oficina *Cordel, da rima ao verso*, promovida pela Diretoria de Cultura da Universidade Estadual de Campinas - DCult/Unicamp e ministrada pelo cordelista paraibano Samuel de Monteiro, de quem me tornaria amigo, Rodrigo me lançou o desafio, no início de 2021, para escrever em cordel a biografia de Jáder a partir do livro que eu publicara pela editora de sua Universidade. Desde então, além de aprofundarmos a amizade, tornamo-nos parceiros em atividades culturais e acadêmicas.

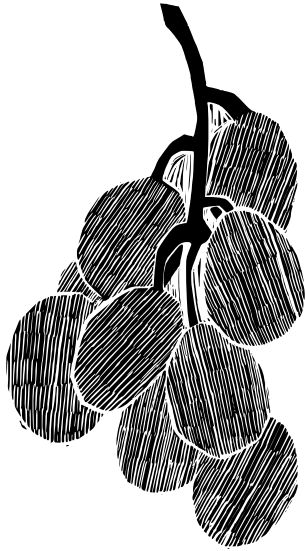
Essa parceria, além de me tornar cordelista, me fez participar de seu projeto de pesquisa e extensão *Mapeamento dos cordelistas do Sertão Central Cearense*. Rodrigo, por meio da Aluá Editora, selo que idealizou com Rafael Silva Barros, ilustrador deste livro, vem publicando — em folhetos — cordelistas da área rural do sertão cearense e, mais recentemente, poetas populares da América Latina, em um importante trabalho que junta ensino, pesquisa, extensão, tradução e divulgação.

Ao concorrer ao edital, pensei inicialmente em fazer a obra sozinho porque não tive tempo de conversar com as pessoas, afinal, escrevi o projeto a toque de caixa, faltando 48 horas para entregá-lo. Após receber a premiação, e porque havia liberdade para isso, convidei Rodrigo para organizar comigo este livro. Rodrigo sugeriu, e aceitei de imediato, convidar dois poetas do Sertão Central Cearense para participar da obra. Outros foram convidados, mas ficará para uma nova empreitada aproveitar tanta riqueza poética que vem das terras alencarinas, inclusive de mulheres cordelistas que foram convidadas, mas não puderam contribuir com este trabalho.

O livro *Nordeste em prosa e cordel* tem tiragem de 300 exemplares impressos pela Aluá Editora (2024) e uma versão em e-book publicada pela Editora da UECE. A ideia é que possa ser usado em sala de aula por professores da rede pública. Está prevista distribuição nas escolas públicas de Quixadá, Quixeramobim e de Campinas (SP). Embora não estivesse previsto no projeto, fizemos a versão digital para acesso gratuito e maior divulgação.

Espero que este livro seja uma leitura agradável e proveitosa para quem se aventurar a conhecê-lo!

Fernando Macedo



Sumário

1) Nordeste: o começo do Brasil, lugar da diversidade.....	13
1.1 <i>Meu Nordeste – Belezas e Encantos.....</i>	20
1.2 <i>Nordeste, o começo do Brasil</i>	23
1.3 <i>Nordeste, riquezas e contradições.....</i>	27
2) Uma brisa ligando o Litoral ao Sertão	29
2.1 <i>Quixadá pelo vento Aracati.....</i>	33
3) Do Sertão ao Mar: os cantos do Nordeste.....	37
3.1 <i>Nordeste, praias e tipos populares</i>	44
3.2 <i>A história de Dragão do Mar e de José Luís Napoleão contada por um ex-escravizado.....</i>	48
4) Modernização e herança rural no Nordeste	52
4.1 <i>O Beato Lourenço</i>	59
4.2 <i>Profetas da chuva, profetas do Sertão.....</i>	64
5) A origem rural do cordel.....	69
5.1 <i>A revolução dos bichos do Sertão</i>	74
5.2 <i>Mania Sertaneja.....</i>	78
5.3 <i>O São João do Conselheiro</i>	80
6) Biografias dos autores.....	84
7) Ilustrador.....	90



**Nordeste: o começo do Brasil,
lugar da diversidade**



O Nordeste brasileiro parece ter cristalizado em torno de si um conjunto de imagens ligadas às suas características geográficas, culturais, ecológicas e socioeconômicas que perpetuam uma forma enviesada de olhar para a região. Muitas dessas representações, mesmo que superadas no cotidiano regional, portanto sem correspondência com a atualidade, ainda persistem no imaginário de quem é de fora, ou de quem ainda a vê como lugar do atraso, das secas inclementes, do coronelismo, do mandonismo local, do cangaço, do fanatismo religioso, enfim, do arcaísmo que a tornaria, segundo certa interpretação preconceituosa, o problema do Brasil, em contraposição à modernidade do Sudeste e do Sul. Nada mais distante da realidade.

Parece fazer mais sentido pensar o Nordeste como uma unidade contraditória. Afinal, trata-se de uma região complexa e de grande diversidade sociocultural e ecológica. Seja em termos naturais, seja nos aspectos socioeconômicos, não podemos falar de um só Nordeste, mas de diversos Nordestes formando uma só região, com seus problemas, suas potencialidades e suas contradições.

O Nordeste, do ponto de vista de suas características físicas e sociais, estas decorrentes de sua ocupação, tem seu território dividido em quatro sub-regiões. O *Meio Norte*, com clima úmido e com as matas dos cocais como vegetação predominante, corresponde a uma parcela do estado do Maranhão e partes do Piauí, nas suas porções sul e oeste. Trata-se de uma área de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado. Destaca-se nessa sub-região as quebradeiras de coco de babaçu que hoje representam importante movimento social que reivindica melhores condições de trabalho e acesso à terra para desenvolverem suas atividades numa luta constante contra os latifundiários e a ausência de políticas públicas direcionadas a ela.

A *Zona da Mata*, onde floresceu o que Gilberto Freyre denominou de civilização do açúcar, que foi sustentada pela violência do trabalho escravizado, ocupa todo o litoral do leste do Rio Grande do Norte ao

Recôncavo baiano. Com clima tropical úmido, apresenta chuvas mais frequentes e tem como vegetação predominante a Mata Atlântica. Foi a área mais rica do Brasil colonial e seu modo de vida — da ascensão à decadência — ficou consagrado nos seis romances do ciclo da cana-de-açúcar do paraibano José Lins do Rego: *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *O moleque Ricardo*, *Usina* e *Fogo Morto*. O livro *O Nordeste*, de Gilberto Freyre, traz o retrato sociológico dessa sub-região e também é leitura indispensável para quem deseja conhecer sua história.

O *Agreste* é uma área de transição entre a *Zona da Mata* e o *Sertão*. De relevo irregular, é onde se localiza o Planalto da Borborema, cuja estrutura geológica de escudo cristalino, que forma um conjunto de serras com disposição no sentido norte-sul, reduz a ocorrência de umidade e de precipitações que impede que a umidade e as precipitações vindas do oceano avancem para o interior do Nordeste, o que deixa as chuvas mais escassas. Economicamente, é uma área onde predominam pequenas e médias propriedades rurais e é responsável pela produção de gêneros alimentícios para a região, especialmente para a *Zona da Mata*.

O *Sertão*, que ocupa mais da metade do território, vai do oeste da Bahia, pega o leste do Piauí, cobre todo o Ceará e partes do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco e de Alagoas. É a região das chuvas escassas e de predomínio do bioma caatinga. Foi nela que se desenvolveu a civilização do couro de que nos fala Capistrano de Abreu, em alusão a um modo de organização da vida e de uma formação cultural muito peculiar que decorreu da pecuária. Esta se desenvolveu nas margens do Rio São Francisco e se espalhou por todo Nordeste como uma atividade auxiliar à economia açucareira. Nela, destaca-se a figura do vaqueiro. Essa foi a região que ficou consagrada na literatura brasileira pelos importantes romances sobre as secas, como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *A fome*, de Rodolfo Teófilo. O livro *O outro Nordeste*, do cearense Djacir de Menezes, retrata sociologicamente essa área sertaneja com muita propriedade.

Cada uma dessas sub-regiões cumpriu papel específico no Brasil Colonial. O *Meio Norte* vinculou-se mais diretamente às

atividades extrativistas articuladas a partir da província do Grão-Pará, e menos com as demais áreas do que é hoje o Nordeste. A Zona da Mata respondia pela maior parte da formação da riqueza na forma de açúcar que era produzido para ser exportado à Europa. O Sertão e o Agreste desenvolveram atividades que deram suporte ao setor de exportação, como o gado — que tanto servia de alimento como de força motriz para os engenhos banguês — e a produção de alimentos agrícolas.

Só é possível entender o Nordeste de hoje com suas múltiplas facetas se retrocedermos em quinhentos anos e compreendermos o papel da colonização portuguesa nessa extensa área que compreende hoje os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Nenhuma outra no Brasil sofreu tantas alterações pela ação antrópica do colonizador como ela, que surge para o império português como uma grande plataforma de produção e de extração de riquezas, sustentada pela superexploração do trabalho e pelo controle da terra por uma elite branca originária do além-mar. Para tanto, subjugar a ordem sociocultural e territorial dos indígenas que habitavam esse espaço antes da invasão europeia e trazer à força os africanos violentamente escravizados foram exigências para garantir o sucesso do empreendimento açucareiro.

A coroa portuguesa definiu, desde a origem, o sentido de nossa colonização: o Nordeste seria um grande negócio a garantir a acumulação dos capitais europeus. Nenhuma outra região do Brasil colonial sofreu tanto e se transformou tão rapidamente em decorrência da ambição imperialista.

As desigualdades sociais e os indicadores socioeconômicos do Nordeste abaixo da média nacional que ainda predominam neste século são heranças desse modelo de ocupação que até hoje reverbera negativamente na região, apesar de ela ter se transformado com as ações da Sudene a partir da década de 1960 e apresentar, na atualidade, diversos polos de modernidade, tornando-a muito diferente do que fora no passado.

A formação do povo brasileiro em sua origem (e do Nordeste, em particular) foi fruto, portanto, de um processo violento de expropriação das terras dos povos originários e da liberdade de nossos antepassados africanos. A mestiçagem violenta, no entanto, promoveu uma rica diversidade pelo encontro dessas três matrizes que alicerçam a cultura brasileira. Isso fica particularmente visível na região Nordeste onde a cultura assume características peculiares, representada em suas diversas dimensões: artesanato, artes visuais, culinária, dança, festejos religiosos, literatura, música etc.

As manifestações culturais no Nordeste brasileiro são tantas que seria impossível enumerá-las. Citamos, apenas de forma ilustrativa, as festas juninas, o reisado, a poesia popular com seus folhetos de cordel, a cantoria e o repente, o artesanato com barro, com madeira e com o couro, a capoeira, os diversos ritmos musicais (baião, coco, frevo, xote, xaxado...), a culinária - com tantas peculiaridades de estado para estado, que seria impossível citar aqui - e muitas manifestações religiosas cristãs, afro-brasileiras e indígenas.

Associado a essas manifestações, um conjunto diversificado de tipos populares foi se constituindo ao longo de sua história, mesmo que hoje muitos estejam desaparecendo. Impossível não se lembrar dos vaqueiros, das rendeiras, das parteiras, dos jangadeiros, das doceiras, dos profetas da chuva, das benzedeiras, dos raizeiros e das tantas outras personagens que moldaram a diversidade regional.

Essa formação socioespacial gerou também uma enorme capacidade de resiliência de seu povo às adversidades e uma rebeldia permanente contra as injustiças sociais; rebeldia que se manifestou nas formas mais variadas de combate e de resistência, desde as lutas históricas por liberdade e independência, como ocorreu no Brasil colonial e imperial, até as manifestações religiosas que clamavam por justiça divina ante as injustiças dos homens. Não por acaso Martinho da Vila cantou que foi no Nordeste onde o Brasil aprendeu a liberdade.

O Nordeste deste século é fruto dessa formação, mas não pode ser pensado a partir do predomínio dos senhores do açúcar da Zona da Mata, pois essa atividade já não tem mais peso significativo para a região cuja base econômica se diversificou. Tampouco é o lugar da seca e da fome sertanejas, como retratado nos romances de 1930 que ainda habitam o imaginário de muita gente quando pensa na região. O Nordeste sofreu neste século uma das mais fortes secas de sua história e não houve a fome que se viu no passado ou a emigração em massa cujas figuras de Fabiano e de sua família no livro *Vidas Secas* são as representações mais acabadas. E isso graças às políticas públicas e a constituições de programas com financiamento estatal que permitiram ao sertanejo resistir melhor às intempéries.

A região também não é o locus de analfabetismo e de gente iletrada. Apesar de seus indicadores educacionais estarem abaixo da média brasileira, a distância vem diminuindo. As universidades públicas se espalharam na região e algumas delas estão entre aquelas que mais registram patentes no Brasil. Se muitos problemas persistem, soluções também são criadas a partir da capacidade inventiva de sua gente, como foi o caso das cisternas para combater a falta d'água, uma solução que se mostrou mais eficiente que os grandes açudes que atenderam aos interesses dos latifundiários.

Contar a história (ou as histórias) do Nordeste é sempre um exercício de imersão em nós mesmos, um retorno às nossas raízes, mesmo para quem não é nordestino. Melhor ainda se essa contação de histórias estiver na forma de literatura popular como nos três cordéis que vem a seguir e que nos contam um pouco do que foi e do que é a região.



Meu Nordeste - Belezas e Encantos

Fernando Macedo

Peço licença, meu povo,
Para vos apresentar
As belezas, os encantos
De sertões, serras e mar,
Que se encontram abrigados
Em um único lugar.

O lugar é meu Nordeste,
Terra de minha paixão,
Em sua diversidade
Busco toda inspiração
Pra narrar neste cordel
As forças da região.

Agreste, Zona da Mata,
Caatinga, Meio Norte
Formam subdivisões
Dentro do mesmo recorte
Unindo variedades
O Nordeste fica forte.

Pois não há um só Nordeste
Porém muitos dentro d'um
De infinitas belezas
E com cultura incomum,
Um local de gente forte
Falo sem favor algum.

Já é coisa do passado
Pensar que esta região
É lugar de seca, fome,
Miséria, desolação,
Cá se produzem riquezas
Que viram exportação.

São nove grandes estados,
Nove lindas capitais,
Também um interior
Com belezas naturais
Que preserva nossas forças
E tradições ancestrais.

Planalto da Borborema,
A depressão sertaneja,
Planícies e chapadões
Por onde a vida viceja
Formam um belo relevo,
Uma visão benfazeja.

São quatro climas distintos
Nos sertões e litorais,
Flora muito variada,
Tem a Mata dos Cocais,
Cerrados e caatingas
E muitas matas a mais.

O bom mesmo do Nordeste
São seus traços culturais,
Manifestações do povo,
Verdadeiros cabedais,
Nas letras, cinema, música
E nas artes visuais.

O Maranhão tem poetas
De bastante erudição,
Mas tem festas populares,
Lembro da de São João,
Com danças, Bumba-meu-boi,
Matracas e pandeirão.

O Piauí é estado
De beleza cristalina,
Sua cultura brindamos
No sabor da cajuína,
No Delta do Parnaíba
Toda tristeza termina.

E sobre meu Ceará,
O que devo registrar?
Terra do Sol e das praias,
Da cultura popular,
De tradições sertanejas,
De jangadeiros no mar.

O Rio Grande do Norte,
Linda terra potiguar,
Tem Zambê, Pastoril, Congo,
Poesia popular,
Bois de reis, artesanato
E forró para dançar.

A Paraíba nos deu
Aquele som brasileiro
Com Elba, Vital Farias,
Com Sivuca, o sanfoneiro,
Zé Ramalho, Chico César
E Jackson do Pandeiro.

Alagoas dos encantos,
Terra onde lutou Zumbi
Dos folguedos, do reisado,
Da palha do Ouricuri,
São tantas as tradições
Não cabem todas aqui.

Pernambuco tem o frevo,
Ciranda, Maracatu,
Mangue Beat, Gonzagão,
Feira de Caruaru,
Também faz um bom cinema
Além da pinga Pitu.

Pequeno só no tamanho,
Gigante em diversidade,
Sergipe traz na cultura
Sua sergipanidade,
Variadas tradições
Lhe dão singularidade.

Bahia de todas crenças,
Do sagrado, do profano,
A negritude no sangue
Mostra valor africano,
Sua mistura de cores
Faz o Brasil ser baiano.

A região tem também
Seus problemas sociais,
A desigualdade vem
Dos tempos coloniais,
Começou com portugueses
Velhos senhores feudais.

Mataram nossos indígenas,
Formadores desse povo,
Mas seu legado viveu
Às sombras de tal estorvo,
Produzindo outra cultura
Fez nascer um povo novo.

Eu louvo alguns ancestrais:
Kalabaças, Kariri,
Jenipapo, Potiguar,
Pataxós, Pitaguary...
É tão grande essa linhagem,
Então paro por aqui.

Dos pretos, brancos, indígenas,
Forjados na violência,
Emergiu o nordestino,
Povo que tem resistência
Pois nunca fugiu da luta
Disso tenho consciência:

Malês, Palmares, Canudos,
Balaiada, Bequimão,
Jenipapo, Sabinada,
Juazeiro, Caldeirão,
São as lutas nordestinas
Pra construir a nação.

Mas agora vou me embora,
A quem me leu, agradeço.
Espero ter dado conta
Desse tema que conheço,
Para o Nordeste reserva,
Todo amor e todo apreço.





Nordeste, o começo do Brasil

Fernando Macedo

O Nordeste sempre esteve
No centro desta nação,
Por isso quero narrar
Fatos dessa região,
Explicando pra você
Toda sua formação.

O Brasil que somos hoje,
Que luta por igualdade,
Começou pelo Nordeste,
Lugar da diversidade,
Da riqueza cultural,
Dos sonhos de liberdade.

Quando vêm os portugueses,
Fazer vil ocupação,
Começaram no Nordeste
Sua colonização,
Que só tinha por propósito
Lucrar com nosso quinhão.

Ocuparam o Nordeste
Em duas povoações,
Uma na Zona da Mata
Outra lá pelos sertões,
Essa formação gerou
Grandes civilizações.

Essas civilizações
Cumpriram uma função,
Uma delas foi formada
Pro setor de exportação,
A segunda povoou,
Com gente e gado, o Sertão.

A primeira mais famosa
Teve maior opulência,
A segunda foi mais pobre
Mas de grande resistência,
Eu versarei tal história
Só vos peço paciência.

Civilização do açúcar,
Próxima do litoral,
Ocupou as terras úmidas
Bem do lado oriental
E gerou muita riqueza
No tempo colonial.

Sustentada por trabalho
Opressor e desumano,
A riqueza foi gerada
Pelo labor africano,
Esse povo escravizado
Pelo sistema tirano.

Do Rio Grande do Norte
Ao Recôncavo Baiano,
Por todo esse território
Açúcar foi soberano,
Erguendo o patriarcado
Brasileiro e lusitano.

Para processar a cana
Das terras de massapê,
A forma mais primitiva
Era o engenho banguê,
Que depois se transformou,
Conto para quem me lê.

Para fazer mais açúcar,
Moer mais canaviais,
Foram montadas as fábricas,
Ditas engenhos centrais,
Depois vieram usinas
Que são modernas demais.

Economia marcada
Por poder, resiliência,
Na casa grande, fartura,
Gerada na violência,
Na senzala, só miséria,
Todo tipo de carência.

Surgiu das patas dos bois,
Civilização do couro,
Que cresceu muito depressa
Na fase do ciclo d'ouro,
Legando pra nossa cultura,
Inestimável tesouro.

O gado inicialmente
Foi criado na fazenda,
Foi alimento, transporte
E moveu muita moenda,
Foi grande força motriz
E boa fonte de renda.

Mas a precisão de terras
Para mais canaviais,
Expulsou gado bovino
Para os distantes currais,
Às margens do São Francisco
Criaram tais animais.

Então fazendas de gado
Se espalharam no sertão,
Partindo do Velho Chico
Chegaram ao Maranhão,
Também às Minas Gerais
Vamos ter tal criação.

Zona da Mata ou Sertão
Seja qual for o lugar,
Terra foi fator central
Para o branco prosperar,
Roubaram terras indígenas
Pro latifúndio formar.

Duas civilizações,
Mas uma só unidade
Formamos a partir delas
A nossa sociedade,
Com vícios e com virtudes
E com singularidade.

Muitos tipos populares
Surgem dessa formação,
Alguns estão bem ativos,
Outros já em extinção,
Pois tudo mudou muito
Vinda a modernização.

Zumbi, rendeira, mucamba,
Cantador, aguadeiro
Capoeira, benzedeira
Cordelista, cangaceiro...
Surgiram lá no Nordeste
Pra formar o brasileiro.

Dezenas de personagens,
Cada qual com seus legados,
São mulheres valorosas
E homens bem destacados,
Mas falarei dos vaqueiros
Valentes e arrojados.

Se vestem com armaduras,
Envoltos no seu gibão,
Ornam-se tais cavaleiros,
Nossos heróis do Sertão,
Joelheiras e perneiras,
Couro costurado à mão.

Convivem na Caatinga,
Onde enfrentam seus espinhos,
Às vezes acompanhados
Ou galopando sozinhos,
Selados em seus cavalos
Abriram novos caminhos.

O gado que foi tangido
Pelo vaqueiro valente,
Juntou partes separadas
Desse Brasil continente,
Uniu nossas regiões,
Integrou a nossa gente.

O Nordeste desde então
Nos deu base cultural,
Nos deu festas populares,
Iguarias sem igual,
Danças, costumes e sons,
Nossa formação geral.

Quem não gosta de comer
Sarapatel, vatapá,
Baião de dois, caruru,
Pituzada, munguzá,
Bolo de rolo, cuscuz,
Arroz doce e de cuxá?

Ou quem não quer curtir
Um baião, xote, xaxado,
Ver a Folia de Reis,
Conhecida por Reisado,
Dançar forró, frevo, axé,
Sozinho ou acompanhado?

São variadas heranças
Dessa linda região,
Formadoras desse povo,
Alicerces da nação,
Heranças do litoral,
E também lá do Sertão.

São heranças espalhadas
Por todo nosso torrão,
Levadas por nordestinos
Que fizeram migração,
Unindo mais os Brasil
Numa só população.

Fizemos um povo novo
Ao juntarmos três matrizes,
Moldado na violência
Desde tempos infelizes,
Dentro das contradições
Residem nossas raízes.

Escrevi este cordel
Com todo meu sentimento,
Falei das nossas origens
Do começo ao firmamento
O Nordeste é alegria,
É batalha, é sofrimento.

Agora já me despeço
O meu recado foi dado
O Nordeste nos mostrou
Qual foi todo seu legado
Não se curvou à conquista
Tá mudando seu passado.





Nordeste, riquezas e contradições

Natan Feijão

No bico do carcará,
nas asas do gavião,
no canto da asa branca,
do litoral ao Sertão,
o Nordeste é poesia
que toca no coração.

Coração que pulsa forte
no aboio do vaqueiro,
no saber de um profeta
à sombra de um juazeiro,
num mote de cantoria
do cantador violeiro.

Que canta a esperança,
do saber que é popular,
que canta a sabedoria,
a força, desse lugar.
A potência do seu povo
que não para de lutar.

De lutar por igualdade,
contra todo preconceito,
em meio a contradições,
xenofobia, desrespeito...
ser diverso é que é bonito,
ser plural, é de direito.

Já se houve até um pleito
pra fazer uma divisão,
um Nordeste independente,
com essa separação,
e nasceria um país
com orgulho da nação.

Nação de gente grande,
Patativa e Gonzagão,
Chico Any시오, Ariano,
Padre Cícero, Lampião,
em causos e controversas
lembrados na região.

Se falar de educação,
da arte de ensinar,
grandioso Paulo Freire,
Castro Alves e Gullar,
terra de Jorge Amado,
Graciliano e Alencar.

Muito se deve contar
da potência feminina,
mulheres tão corajosas,
valentes e heroínas,
que sempre se destacaram
com essa força nordestina.

A grandeza de Maria Lima,
de Irmã Dulce, a bondade,
Marias, da Penha e Bonitas,
tantas adversidades,
Rachel de Queiroz e Dandara,
mulheres, personalidades...

No campo do social
o Nordeste é conhecido,
emplaca muitos heróis
nas lutas dos excluídos,
Conselheiro e Zumbi,
Dragão do Mar, aguerrido.

A arte, a música, a cultura,
se vestem do popular,
o forró, o samba, o baião,
Fausto, Fagner, Elomar,
Belchior, Elba, Amelinha,
a rima, o improvisar.

Improvisar Cego Aderaldo,
violas e cantorias,
rabequeiros que encantam,
acordes com maestria,
manifestos populares,
faz um Nordeste de magia.

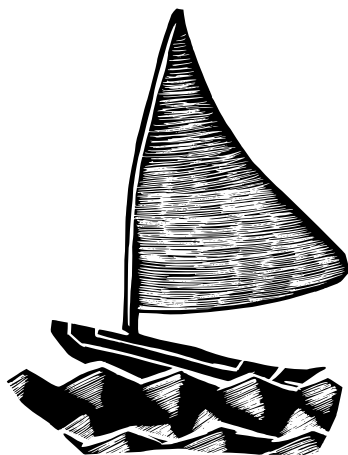
O teatro e o cinema
afloram sua cultura,
desconstroem o preconceito,
desmontam caricaturas,
Nordeste é pertencimento,
Nordeste é gente, é mistura.

É mistura de sotaque,
de dialetos, costumeiros,
é saber que o que é nosso
será sempre verdadeiro,
e o que temos em casa
vale mais que o estrangeiro.

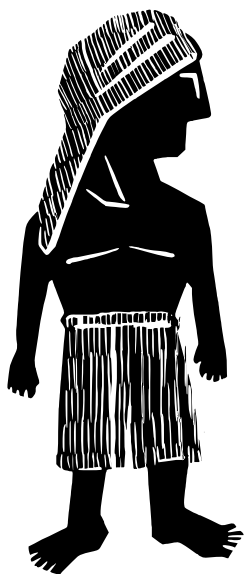
As praias deste lugar,
os açudes, cristalinos,
serras, sertões, cidades,
passagem, casa, destino,
tudo isso é riqueza
do povo, que é nordestino.

Ser Nordeste, é ser diverso,
Ser profano, e ser divino,
Ser alegre, diferente,
Ser simples, também ser fino...
o Nordeste é a maior riqueza,
do povo, que é nordestino.





**Uma brisa ligando
o Litoral ao Sertão**



A diversidade territorial do Nordeste poderia ser dividida, simplificada, entre Sertão e Litoral. Cada qual com suas características físicas, culturais e tipos populares que fazem parecer, aos olhos desatentos, dois mundos distantes, distintos em tudo. Será? Afinal, há ligação entre essas áreas cujas distâncias chegam a algumas centenas de quilômetros, a depender do ponto de referência? Há semelhança entre o vaqueiro, símbolo do nordeste sertanejo, e o jangadeiro, representante maior do litoral da região?

Além da coragem e da valentia para enfrentar os desafios impostos pela natureza, o que há de comum entre eles? Se observarmos um pouquinho, não demoramos a perceber que ambos trazem a marca da itinerância, da aventura, do sonho, da partida e da despedida constantes, das incertezas da jornada, signos que caracterizam, com pitada de melancolia, o alegre povo nordestino. Sim, esse povo em permanente movimento que emigrou para outros lugares em busca de uma vida melhor, num nomadismo imposto pela falta d'água, mas, principalmente, pelas condições inadequadas à reprodução digna da vida decorrente do não acesso à terra. A solidão no mar ou na caatinga faz de cada chegada, sabe-se lá onde, uma festa que dura até a próxima partida.

Vaqueiro e jangadeiro não são apenas tipos populares que emergem na complexa teia de relações da sociedade nordestina em seus meios geográficos específicos. São representações de um povo inquieto que não consegue ficar parado, por vontade própria ou por imposições da vida. No mar ou na terra, navegando ou tangendo gado, ou na condição forçada de retirante que andava a pé ou partia num Ita do Norte, o nordestino esteve sempre em movimento ligando as regiões do Brasil. Nessas andanças, o território brasileiro vira uma grande feira livre onde o nordestino mistura as diferentes culturas regionais unindo mais o povo brasileiro, ao som da sanfona da vida, que vai e vem num ritmo frenético que impossibilita manter o corpo parado.

Há muito em comum entre eles. Litoral e Sertão têm também um elo invisível que o cearense tão bem conhece: o vento Aracati que, saindo do oceano, lá das bandas de Canoa Quebrada e sob as bênçãos de Chico da Matilde, corre o leito do rio Jaguaribe para refrescar o seu entorno. Um refrigério na quentura do semiárido sertanejo. E esse vento anda tanto e tão ligeiro que chega a mais de trezentos quilômetros do seu berço litorâneo, para alegria dos cearenses que sentam nas calçadas das cidades e vilas do interior para sentir, nas noites mais quentes, sua brisa refrescante. Até as terras do Padim Ciço ele chega.

Vento atrevido que rebulica o cabelo das moças e balança chapéu de vaqueiro brabo. Brisa suave que sabe das coisas porque está aqui desde sempre, e desde sempre “o doce aracati chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão”. Com ele, “a planta respira; um doce arrepio erriça a verde coma da floresta”, como bem sabia Iracema, enamorada de Martim. Foi José de Alencar quem disse.

Um vento que viaja tanto, há tanto tempo, tem muito conhecimento. Vale mais do que muito livro de História ou qualquer página do *Wikipédia*. Por isso o cordelista, nascido à beira mar, resolveu pegar carona nele e conhecer um dos mais belos lugares do Sertão Central Cearense, a cidade de Quixadá, símbolo da rica cultura sertaneja. Como isso é possível? Melhor ler o cordel!



Quixadá pelo vento Aracati

Fernando Macedo

Aracati viajou
Partiu do meu litoral,
Me transportou no seu sopro
Pro belo Sertão Central,
Foi a sua ventania
Que moldou a poesia
Deste cordel autoral.

Quando tão bendita brisa
Atravessou Quixadá,
Eu fiquei maravilhado
Pelas belezas de lá,
E na carona do vento
Aproveitei o momento
Para ver tudo que há.

O charmoso vento leste
Se tornou meu mestre guia,
Me conduziu aos recantos
Todos eu desconhecia,
Apresentou devagar
Os encantos do lugar,
Eu era só alegria.

O bonito santuário
Foi a primeira parada,
Nossa Senhora Rainha
Do Sertão Imaculada
Com tão belo monumento,
Na terra, no firmamento,
Será sempre consagrada.

E muito perto dali,
Bem na Serra do Urucum,
Eu vi vários desportistas
Todos sem medo nenhum,
Nos esportes radicais,
Tinham destreza demais
E coragem incomum.

E depois Aracati,
Quase como vendaval,
Me levou pra conhecer
O belo Memorial
Para Rachel de Queiroz
Nossa grande porta-voz
Da cultura estadual.

Pra lembrar Cego Aderaldo,
Patrimônio do lugar,
Fui à Casa de Saberes
E devo testemunhar:
Lá preservam a cultura
E defendem com bravura
A tradição popular.

Tudo por ali é belo,
Tem história, tem valor,
Impossível não falar
Do seu maior escultor,
Jacinto legou na praça,
Escultura que congraça,
O povo trabalhador.

Passamos logo depois
Por belezas naturais,
No grande curral de pedras
Vi monólitos demais,
O vento me disse sério:
“Aqui tem muito mistério,
Pousam naves siderais!”.

São tantos os monumentos
Daquela geologia
Cujas pedras do lugar
Formam linda galeria:
Temos a Galinha Choca,
Javali, Baleia, Foca...
Paro, mais, não caberia.

Ao lado desses monólitos,
No Vale Monumental,
Uma charmosa Lagoa
Embeleza o visual,
Muitos casais da cidade
Passeiam bem à vontade
De mãos dadas no local.

Aracati prosseguiu
Me mostrando a região,
Me contou bastante causos,
Conheci mais o Sertão,
Guardo tudo na memória,
Mas o melhor dessa história
Ainda não vos contei, não!

Aracati me mostrou
Já no final da viagem
O mais belo dos lugares,
De toda aquela paisagem
E falou quase num grito:
“O Cedro de tão bonito
Até parece miragem!”

Por ficar maravilhado,
Inquiri Aracati:
“Grande vento que viajas
Desde sempre por aqui,
Me contes qual é a história
De tal obra que traz glória
Pra todo povo daqui”.

“Meu querido cordelista,
Vou tentar vos explicar
Sobre tão bela barragem,
Um açude secular,
Escutes com atenção
E conhecerás, então,
Tudo sobre esse lugar.

Foi no retrasado século
Quando as secas no Sertão
Matavam os nordestinos
De fome e desnutrição,
Que se resolveu fazer
Açudes para conter
Esse flagelo do cão.

O primeiro dos açudes
Foi o Cedro em Quixadá,
E depois foram dezenas
Por todo meu Ceará
Que, de todos os estados,
Digo com base nos dados,
Mais açudes nele há.

Esse magistral açude
É bastante especial,
Começou ser construído
No Brasil Imperial,
Porém foi só na República
Que tão formosa obra pública
Chegou à fase final.

Mil novecentos e seis,
O Cedro é inaugurado,
Vinte e dois anos depois
De quando foi começado,
Suas águas desde então
Ajudaram meu Sertão
A ficar mais arretado.

Diferente do passado,
Com problemas para encher,
O Cedro hoje tá vazio
Já não pode fornecer
Mais água para cidade
Que na sua mocidade
Ele fez desenvolver.

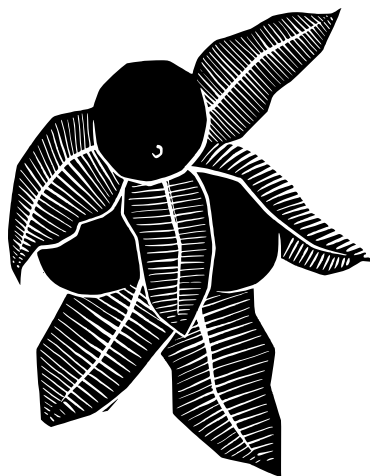
Porém ficou o turismo
Que faz Quixadá crescer,
Pois o Cedro sendo lindo
Muita gente vem lhe ver
O nosso cartão postal,
Patrimônio cultural,
Todos querem conhecer.

Muito mais, meu cordelista,
Eu poderia contar,
Porém nós dois precisamos
Pro litoral retornar,
Digas adeus à paisagem,
Estamos só de passagem
E verses quando voltar".

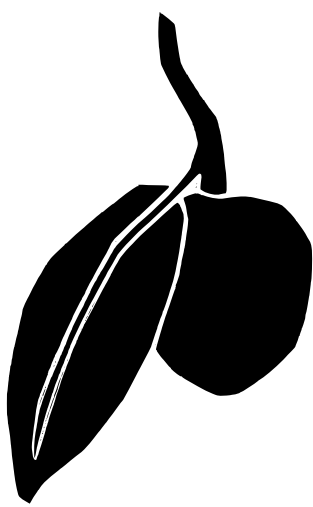
Depois do singular passeio,
Pensei no que conheci,
Joguei palavras ao vento:
"Obrigado, Aracati,
Farei um novo cordel
Colocarei no papel
As lindas coisas que vi".

Eu agora me despeço,
Agradeço por me ler,
Conheça mais o Brasil
Há muito para se ver,
Pegue carona no vento,
Viaje no pensamento,
Só não deixe de viver.





**Do Sertão ao Mar:
os cantos do Nordeste**



A poesia popular do Nordeste é muito rica e varia à medida que se aproxima ou se afasta do litoral. Nas regiões praianas, o coco predomina ou pelo menos predominava, porque hoje em dia o transporte e a comunicação tornaram tudo muito mais ágeis, proporcionando uma troca e um convívio de artistas e público de toda parte, mas o litoral nordestino foi mesmo o espaço por excelência do tirador de coco ou coqueiro, com sua dança e embolada determinada pelo ritmo do ganzá ou do pandeiro, tirando improvisos em versos rápidos e desconcertantes à medida que o corpo executa uma dança por vezes complexa, por vezes estática.

O cordel dialoga muito pouco com as formas e os gêneros do coco, dialoga muito mais com a cantoria de viola, por sua vez mais enraizada no continente, nas regiões criadoras de gado, se avizinha do aboio de tanger os rebanhos, do canto monótono dos trabalhadores do campo. No interior, o canto improvisado, diferente dos ritmos praianos, é acompanhado pela viola ou pela rabeca, mas, assim como o coco, a cantoria acontece de forma plena em dupla de poetas que alternam as vozes. O cordel provém desses cantos improvisados e ganha materialidade quando impresso no folheto. O interessante da literatura de cordel é que ela mostra toda sua força quando declamada em voz alta para um público atento, de certo modo refazendo o ambiente da cantoria.

Também o vocabulário do coqueiro e do cantador de viola variam, porque também variam o clima, a vegetação, os ofícios, os hábitos alimentares, a arquitetura, os meios de transporte, enfim, os modos de vida da praia são diferentes do Sertão, e isso fica patente no léxico que aparece nas emboladas em comparação com os desafios. Já o cordel, apesar de sua origem mais interiorana, talvez por participar da cultura escrita de forma mais direta, pode passear por estas duas

regiões e se aproveitar do universo de ambas. Só para ilustrar o que estamos pontuando aqui, veja como os termos relacionados à jangada (esta embarcação tão característica de nossa pesca artesanal) demonstram a riqueza linguística do litoral nordestino: a começar pela própria madeira do casco, a piúba, cujo corte na proa obedece ao que os mestres barqueiros chamam bico de gaita para melhor cortar as ondas do mar; o barco de vela se fixa numa base chamada carlinga, já o banco do mestre ou de governo, onde o jangadeiro mais experiente, sentado, controla a escota, dando ordens, ou manejando ele próprio a bolina, o juízo da jangada; só as partes da vela constituem um vocabulário à parte: mastro, envergue, testa, dorso, guinda, corpo, tranca e amura. O mesmo poderíamos listar referente ao campo semântico dos utensílios dos vaqueiros: chibão, peia, cabaça, chocalho, chapéu de couro, arreios etc. O cordel pode usar todas estas palavras com propriedade, porque ele atravessa a cultura do país, e em especial a cultura nordestina.

Falamos disso porque os cordéis que vêm a seguir tratam dos quase três mil quilômetros do litoral nordestino. Primeiro, de uma forma mais geral, didática, no qual se pode ler os dados e as características principais dessa extensa faixa da costa brasileira. Segundo, com um cordel que trata de um levante popular contra a escravidão em pleno mar comandada por dois jangadeiros do Ceará, que impediram o desembarque de negros escravizados.

No centro dos cordéis, há alguns símbolos que marcam a iconografia e o imaginário dos brasileiros acerca das praias nordestinas. Esses símbolos configuram arquétipos consolidados nos livros, nas músicas, nos quadros, nas esculturas e no cinema, e aqui são retomados, mas com um acento crítico que o tema exige no mundo contemporâneo. No repertório, há a presença dos jangadeiros, das rendeiras, dos artesãos, dos vendedores de praia, dos turistas, do banho de mar, dos ventos e dos esportes. É uma síntese em versos deste conjunto que já está disseminado na identidade do país desde os românticos, como no romance *Iracema* (1865), de José de Alencar,

até os livros de Ana Miranda, passando aí pelo cinema nacional e pelos desenhos e pinturas de Aldemir Martins, por exemplo, e que também está na obra de Câmara Cascudo e Mário de Andrade.

A recuperação do patrimônio imaterial pelos cordéis aqui publicados está intrinsecamente vinculada à conservação do patrimônio material, das praias, restingas, áreas de dunas, de mangues e de toda a faixa litorânea, pois, sem conhecermos a nossa história e sem nos apropriarmos da cultura praiana e usufruirmos dela de forma consciente, como teremos forças para resistir à constante especulação imobiliária de nossas praias? Às tentativas de privatização e de exploração da indústria pesqueira? A poesia nesse sentido cumpre uma função que extrapola o entretenimento e abre possibilidades para uma leitura educativa nas escolas, na universidade e nas comunidades em geral em torno de assuntos pertinentes à sobrevivência da nossa e de outras espécies que vivem e se alimentam do mar. Aliás, o colapso ambiental já presente no mundo passa pela poluição que a espécie humana deposita diariamente nos oceanos.

Além dessa possibilidade, o primeiro cordel desta seção, *Nordeste, praias e tipos populares*, escrito por Fernando Macedo, projeta outros saberes, em destaque a geografia e a linguística, ao citar e situar os nomes das praias nordestinas. As palavras de origem tupi de tais praias resguardam aí um campo vasto de discussão, a saber, a presença dos povos originários no litoral, que deixaram, apesar de todo o genocídio empreendido à época da colonização e continuada até os dias atuais, técnicas de navegação, toponímias, cultura alimentar, mitos e histórias que evocam os cuidados com a Natureza.

Nesse sentido, o segundo cordel desta parte do livro, *A história do Dragão do Mar e de José Luís Napoleão contata por um ex-escravizado*, de autoria de Rodrigo Marques, relembra uma abominável e abjeta relação social ou antissocial que esteve na base da produção mercantil e agrícola do país: a escravização de negros e negras, retiradas a pulso de sua terra natal para trabalho forçado nas terras colonizadas por

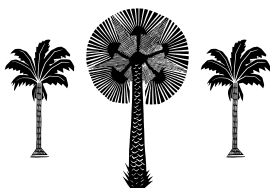
portugueses e espanhóis, com a convivência, participação e incentivo de todas as nações da Europa.

A história da resistência contra a escravidão no Ceará é uma página à parte na abolição e na manumissão dos escravizados e escravizadas, sendo o primeiro estado a extinguir a força escrava no território brasileiro. Mas essa luta sempre foi contada sob o ponto de vista da elite letrada, na maior parte, herdeiros dos latifúndios, beneficiários do sistema escravocrata, o que silenciou a resistência dos Quilombos do Ceará e as vozes de quem sofria na pele a violência, ao mesmo tempo que elevava à categoria de herói advogados, políticos e beneméritos das associações abolicionistas interessadas em certo prestígio social.

O cordel assume a história pela ótica de um escravizado que conquistou a liberdade a partir da desobediência civil liderada por Chico da Matilde e José Luís Napoleão, que se recusaram a realizar o desembarque, forçando o poder público e a sociedade local a se posicionar até que os negros e negras embarcados fossem libertos.

Aqui é um exemplo da narrativa ficcional na literatura de cordel, pois, se tomarmos como clássicos os poemas de Leandro Gomes de Barros, o romance de cordel assenta-se necessariamente numa pequena narrativa. O narrador construído no poema de Rodrigo Marques é inventado, bem como todas as cenas, incluindo aí a memória do personagem, que conta inclusive sobre a vinda dos seus pais no navio negreiro para o Brasil. Porém, a verossimilhança da narrativa, mesclada com personagens e fatos da história oficial, constrói um romance dramático perfeitamente coerente com a lenda daqueles jangadeiros e de outros jangadeiros anônimos que participaram do levante. A ficção não é descompromissada com a verdade, pelo contrário, ela consegue atingir camadas mais sutis e por vezes mais complexas do que o discurso historiográfico ou sociológico, organizando pensamentos e sentimentos numa forma engenhosa, atrativa para a inteligência e para a apreciação estética.

Com esse arranjo, os cordéis aqui dão conta de elementos indispensáveis para iniciar o estudo do litoral nordestino que, pela extensão, em si mesmo é diverso. O modo poemático utilizado em ambos os textos foi a sextilha, ou seja, seis versos por estrofe, a modalidade mais usual e muito prática para o cordelista ou a cordelista contar uma história e informar. Temos então dois cordéis que podem ser lidos em conjunto ou separadamente, mas que se somam em uma leitura que põe em discussão temporalidades distintas de um território em eterna disputa política, econômica e social.



Nordeste, praias e tipos populares

Fernando Macedo

Rogo por inspiração
Às divindades do mar,
Para falar sobre tema
Tão bonito de versar,
Do litoral brasileiro,
Quero meus versos tirar.

Pois o nosso litoral
É de beleza inconteste,
São praias muito bonitas
No Norte, Sul e Sudeste,
Mas meus versos em cordel
Vão pras praias do Nordeste.

São mais de três mil quilômetros
Formando cartões-postais,
Centenas de lindas praias
Com belezas naturais,
Ou praias urbanizadas
Como são nas capitais.

Do litoral maranhense
Ao Recôncavo baiano,
Nossas belezas praianas
Transpassaram o oceano,
Turistas de todo canto
Chegam aos milhões por ano.

São tantas praias vistosas,
Algumas vou lhes contar
E prestem muita atenção,
Outras tantas vão faltar,
Somente menciono poucas
Mais eu não posso listar:

Carnaubinhas, Coqueiro,
Antunes, Maragogi,
Pontal, Timbau e Calhau,
Caburé, Araçagy,
Maracajaú, Perobas,
Calhetas e Serrambi.

Também quero destacar:
Coqueirinho, Tambaú,
Macaraípe, Leão,
Xeréu, Goré, Pirambu
E para finalizar:
Mutá, Taípe e Satu.

Sem querer diminuir
Todas as praias que há,
Aqueles de que mais gosto
Estão no meu Ceará,
Eu saúdo algumas delas,
Na benção de Iemanjá:

Canoa, Jeri, Lagoinha,
Caponga, Paracuru,
Fontes, Malhada, Futuro,
Águas Belas, Mundaú,
Mucuripe, Iracema,
Morro Branco, Guajiru...

As praias são alegres,
São pontos de diversão,
Um bate bola na areia,
Guris rolando no chão,
Programa de enamorados,
Pro poeta, inspiração.

Nas águas sempre quentinhas
Um mergulho redentor,
Stand up para jovens
Ou pra quem já é senhor,
Canoagem, windsurf...
Jacaré tem seu valor.

Nas noites enluaradas,
Nós vemos no litoral
Casais andando nas praias,
Jovens fazendo luau,
Paixões que são duradouras
Ou um amor casual.

Porém não há só lazer,
Turismo, sol, pegação
Beach soccer, vela, surfe
Futevôlei, natação...
Para muitos é trabalho,
Fonte de sustentação.

Tem vendedores de coco,
Milho verde, tapioca,
Tem quem vende caipirinha
Feita com pinga Ypióca,
Aracajé, espetinho,
Picolé, doce e paçoca.

O litoral nordestino
É reduto para artista,
Comerciar seus trabalhos
Seja a prazo, seja à vista
Pode vender pros locais
E também para o turista.

Eu já vi mulher rendeira,
Artesão, até pintor,
Vendendo lindos trabalhos,
Trabalhos que têm valor,
Já vi também cantoria
Feita por bom trovador.

Eu já vi à beira-mar
Divertindo nossa gente
Violeiros afinados
Fazendo um baita repente,
Vi cordelistas vendendo
Folhetos alegremente.

Vi sanfoneiro tocando
Xote, forró e baião,
O povo todo dançava
Na praia e no calçadão,
Balançavam o esqueleto,
Tiravam seus pés do chão.

São tantos tipos nas praias,
Cada qual com seu destino,
Muitos deles trabalhando
Desde muito pequenino,
Tendo arrancadas de si
As diversões de menino.

Todos tipos populares
Têm um enorme valor,
Engrandecem nossas praias
Com seu suor e labor,
Mas quero falar agora
Dum certo trabalhador.

Eu preciso vos falar
Do valente jangadeiro,
Que singrou como ninguém
O litoral brasileiro,
Em atrevidas jangadas,
Se deu ao mar por inteiro.

Jangadeiro nordestino
Da praia foi maioral,
Durante muito tempo
Sua pesca artesanal
Abasteceu nossas mesas
Com peixes do litoral.

Milhares de jangadeiros
Da Bahia ao Ceará
Pescavam no litoral
Voador ou jamburá,
Pegavam com jererê
Guardavam no samburá.

Às vezes os jangadeiros
Ficavam dias no mar,
Um labor bem arriscado
Difícil de imaginar,
A Lua por companheira
A jangada como lar.

Quando dorme em alto mar
Todo e qualquer jangadeiro
Sempre come com pirão
Feito de modo certo
Peixe fresco cozinhado
Num simplório fogareiro.

Também quando tá na terra
Sempre é peixe com farinha,
Não há muita alternativa
Na sua parca cozinha,
Apenas ele acrescenta
Uma dose da purinha.

Dentre tantos jangadeiros
Que temos para lembrar,
Há um que lutou firme
Para escravidão findar
Louvo com satisfação
O grande Dragão do Mar.

Nos mares que no passado
Tinham neles seus senhores,
Hoje, nós temos a pesca
Em barcos com seus motores,
Que vão deixando pra trás
Nossos simples pescadores.

Tudo ficou diferente
Já não vamos encontrar
Tantos valorosos homens
Em jangadas pelo mar,
Mas as praias do Nordeste
Deles sempre vão lembrar.

Espero ter dado conta
Deste tema palpitante,
As praias do meu Nordeste
Têm em mim representante,
Nós temos que preservá-las
De forma firme e constante.

Eu já vou me despedindo,
Agradeço quem me leu,
Esses versos dizem algo
Um pouco do que sou eu
Pois nasci no litoral,
O mar sempre me acolheu

Então paro por aqui
E só para registrar,
Do litoral brasileiro
Sempre hei de respeitar,
Todos tipos populares
E divindades do mar.





A história de Dragão do Mar e de José Luís Napoleão contada por um ex-escravizado

Rodrigo Marques

Cada onda do mar reconta
a vida de uns jangadeiros,
nascidos no Ceará,
comandantes de veleiros,
minha voz anda cansada
pois vivi muitos janeiros.

E mesmo com a voz fraca,
deixo meu agradecimento
a ele, Chico da Matilde,
ao José do Nascimento,
ao eterno Dragão do Mar,
de quem falo no momento.

E também quero lembrar
de José Napoleão,
ex-escravo alforriado
que a favor da abolição
mobilizou os jangadeiros
contra aquela exploração.

Falo por conhecimento
dos meus tempos de infância,
perdido no Ceará,
quase perdi a esperança,
mas salvo por jangadeiros
trago comigo a lembrança.

Meus pais foram desterrados
das terras de meus avós,
a pulso foram metidos
e amarrados com dez nós,
atravessaram o Atlântico
numa viagem atroz.

Minha mãe sempre dizia
que na barriga eu chorava,
vindo de lá para cá,
de saudade eu lamentava
da terra que eu nunca vi
e que no mar se afastava.

Quando aportamos no Rio,
meu pai foi logo vendido,
de minha mãe separado
pra todo sempre perdido,
algemado e humilhado
como se fosse bandido.

Minha mãe foi transportada
pruma fazenda bem rica,
então eu nasci na senzala
da Fazenda Itaparica,
que até hoje ainda existe e
muita cachaça fabrica.

Mas vou parar minha estória
se não começo a chorar,
os versos não sairão
ou sairão sem rimar,
quero prestar homenagem
ao grande Dragão do Mar.

É de Canoa Quebrada,
duma região praieira
filho de Dona Matilde,
ela, famosa rendeira,
seu pai foi tentar a sorte
no corte da seringueira.

Da Amazônia não voltou
encontrou consigo a Morte,
deixando seu primogênito
entregue à própria sorte,
se não fosse ela, Matilde,
que ainda era muito forte.

Na penúria da miséria,
Matilde com muita dor
doou seu filho à família
de José, comendador,
português de Portugal,
que tornou seu curador.

Passou logo a comandante
do veleiro *Tubarão*,
mas antes foi embarcação
dessa mesma embarcação
que tinha o comendador
como seu dono e patrão.

Por este tempo também
aprendeu a ler e escrever,
o que depois seria útil
no que teve de viver,
quando com gente graúda
ele passou a conviver.

Mas peço agora licença
na estória deste José,
para de outro Zé falar,
dizer noutra estrofe até,
do Luís Napoleão,
grande guerreiro de fé.

Ele foi negro liberto,
comprou com as próprias mãos
a quantia da alforria,
a sua e a dos seus irmãos,
que podiam viver livres
no meio dos cidadãos.

No Porto do Mucuripe,
José logo trabalhou
naquela capatazia
dum inglês que o contratou,
a greve dos jangadeiros
com Chico, ele liderou.

Nesta época fui trocado
no troco dum partida,
me embarcaram num navio
sem direito à despedida,
mamãe ficou na fazenda
sem encontrar uma saída.

No porão sacolejando,
eu fui entregue ao Deus dará,
ouvi dum moço ao meu lado
que íamos ao Ceará,
e se os Deuses ajudassem
nos soltariam por lá.

Pois se corria o boato
da greve dos jangadeiros,
lá não mais desembarcavam
os tais navios negreiros,
ouvi dentro do navio
o que ouvia nos terreiros.

Assim que o barco atracou,
sentimos um zum-zum-zum,
oficiais discutiam
se assassinavam mais um,
se nos deixavam viver
“tanto faz dez ou faz um”.

Na praia, Napoleão
gritava aos trabalhadores:
“Ninguém vai desembarcar”
— repetia aos pescadores,
às mulheres, às rendeiras,
aos mais velhos moradores.

Outros da sociedade,
bem mais ricos de pertences,
doutores de fino trato
dos brindes fortalezenses,
faziam coro na praia
com os demais cearenses.

De dentro do porão vi
quando um major me chamou,
souberam que uma criança
entristecida chorou
lembrando de sua mãe
que noutra porto ficou.

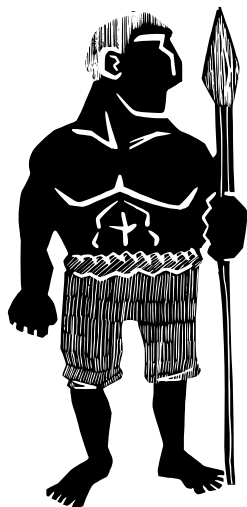
Fui levado à beira-mar
nos braços dum jangadeiro,
e quando me lembro disto
estremeço o corpo inteiro,
Napoleão me livrou
do terrível cativoiro.

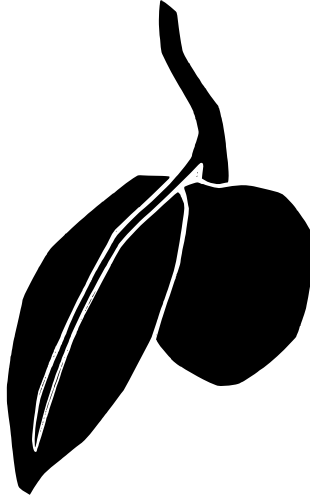
Daquele dia em diante,
não quis mais saber de nada,
ajudava os jangadeiros
em toda e qualquer jornada,
arrumei a alforria
de minha mãezinha amada.

Vivemos no Ceará
bem na Lagoa da Cruz,
tive filho e dois netinhos
aqui na Terra da Luz,
criei todos bem felizes
com tapioca e cuscuz.

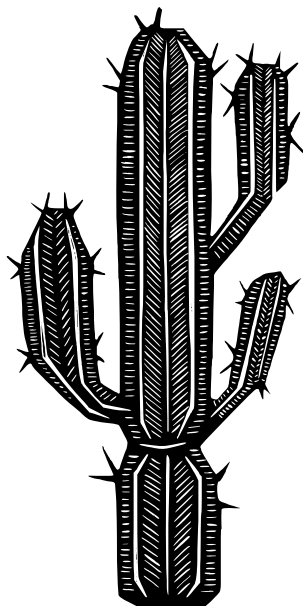
Com a cabeça branquinha
e a voz de velho cansado,
canto estes versos saudosos
debaixo do meu sobrado
pros meus netos não esquecerem
que fui escravo no passado.

Louvo os heróis jangadeiros,
no nome daqueles dois:
Luís Napoleão e Chico,
que o final venha depois,
o cordel está acabando
e não há tinta pro há pois.





Modernização e herança rural no Nordeste



O Nordeste de hoje é bem diferente daquele dos anos 1950. Até aquela década, a região era lembrada pelas secas que castigavam sua população e pelo atraso econômico em relação ao Centro-Sul do país. Se ainda persistem as desigualdades regionais, e é grande a diferença de renda entre um trabalhador nordestino em relação à média do país, não se pode afirmar que a região continua a mesma, apesar das contradições sociais ainda serem visíveis. Muita gente, até os dias de hoje, imagina a região como aquela pré-1960, descrita nos romances de 1930 que tão bem retrataram o Nordeste da época; um Nordeste que mostrava ter sofrido poucas mudanças estruturais em quatrocentos anos de história.

A modernização chegou com o crescimento, a partir de 1960, estimulado pelas políticas da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste - Sudene. Novas atividades surgiram com o crescimento da indústria de transformação nas cidades e da fruticultura irrigada no campo, o que diversificou a oferta de serviços regionais. Já não é mais possível pensar a economia nordestina como dependente da cana-de-açúcar e do algodão que foram seus sustentáculos desde os tempos coloniais e elementos estruturadores de sua sociedade, responsáveis por sua formação histórica e organização territorial. Aliás, aqueles dois produtos têm pouca relevância no século XXI para a economia da região, embora no passado tenham sido importantes para a geração de trabalho e renda para a população que vivia majoritariamente no meio rural. A decadência da cana e do algodão atestam bem o quanto o Nordeste mudou.

A urbanização consolidou-se na década de 1990, quando a maior parte dos nordestinos passou a habitar as cidades. No entanto, ainda é grande o número daqueles que residem no campo: 14,3 milhões de habitantes em 2010, ou seja, quase metade da população rural de todo Brasil, que era de 29,8 milhões de habitantes naquele ano, estava na região

Nordeste. O crescimento e modernização verificado nas últimas décadas não eliminaram o problema da pobreza. A região concentra 43,5% dos pobres do país e 54,6% daqueles que vivem em extrema pobreza. Isso significa que, dos 54,7 milhões de residentes na região em 2022, 29,5 milhões vivem com menos de US\$ 6,85 por dia — ou seja, condição de pobreza segundo o Branco Mundial — e 6,3 milhões abaixo de US\$ 2,15 — considerada condição de extrema pobreza por esse banco. A pobreza é relativamente maior no meio rural, embora as cidades concentrem, em números absolutos, maior quantidade de pobres.

A origem da pobreza nas áreas rurais do Nordeste explica-se pela herança dos latifúndios que se formaram na Zona da Mata, onde se produzia a cana-de-açúcar, e no Sertão, com as atividades consorciadas da pecuária e do algodão. A concentração de terras em mãos de uma elite latifundiária interditou a disponibilidade do principal fator necessário para a reprodução da vida em condições adequadas para a quase totalidade da população que vivia no campo. Sem terras, a maioria dos trabalhadores teve que se submeter aos desmandos dos fazendeiros que lhe contratavam pagando quase nada, isso quando pagavam.

A exploração era grande no meio rural, o que gerou diversos movimentos de luta pela terra e por melhoria nas condições de trabalho. Muitas manifestações religiosas surgiram como resposta a essa condição de penúria, afinal, na simplicidade daquela gente boa, espera-se ganhar no céu aquilo que na terra era negado. O misticismo e a religião sempre estiveram presentes dentre os que viviam no meio rural nordestino, especialmente até 1950 quando ainda era muito forte o beatismo e o fanatismo religioso de um povo que buscava na fé lenitivo para a dor terrena. Muitos, preconceituosamente, enxergavam essas manifestações como fruto da alienação de um povaréu sem instrução quando, na verdade, eram a forma possível para a maioria daquela gente fugir das dores da opressão. O importante é que, a seu modo, traziam o germe da rebeldia.

Muitos, no entanto, enquanto rezavam, construíram na terra as condições para uma vida melhor. Canudos, na Bahia, foi sem dúvida

o caso mais emblemático, pois, sob a orientação do beato Antônio Conselheiro, mais de vinte mil pessoas sem terra se organizaram para produzir e viver longe da arbitrariedade dos coronéis terratenentes. Na fé, na oração e no trabalho árduo construíram uma alternativa às suas vidas miseráveis. A violência, no entanto, destruiu essa experiência de organização popular, quando o exército brasileiro dizimou os moradores de Canudos. Violência que também empurrou muitos para o cangaço que se tornou uma alternativa de vida para aqueles que não encontravam lugar na ordem vigente.

Canudos não foi um caso isolado. Antes, em Palmares, no século XVII, uma comunidade de escravizados fugitivos se organizou em torno da terra para viver longe da opressão senhorial. Quilombos espalhados por todo país foram resposta à violência da sociedade patriarcal escravocrata; após a libertação formal, em 1888, comunidades quilombolas tentam sobreviver no meio rural, resistindo às tentativas de usurpação de suas terras.

O paraibano José Lourenço, filho de ex-escravizada, homem de muita fé e devoto de Padre Cícero Romão Batista, constitui diversas comunidades rurais, na tentativa de reproduzir a vida das pessoas que trabalhavam sob sua liderança de forma mais igualitária e fraterna. Sua experiência mais conhecida é a do sítio do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, em Juazeiro (CE), que, na década de 1930, se notabilizou pelo progresso de suas atividades numa região marcada pela pobreza. Em período de seca, o Caldeirão sobrevivia à intempérie, enquanto a fome imperava nos campos de concentração organizados pelo Estado para controlar a população vitimada pela falta d'água.

Como muitas outras experiências de organização popular do campo, sob a justificativa oficial de não serem donos da terra onde produziam, os moradores do Caldeirão foram duramente atacados por destacamentos policiais até que a comunidade fosse desmobilizada. Um sem-número de camponeses foi morto, com números que variam de quatrocentos até mais de mil.

O ambiente hostil do meio rural não foi impeditivo para sua gente desenvolver a capacidade criativa e autêntica que forjou a diversidade cultural nordestina, possivelmente a maior do Brasil. Encontramos na culinária, dança, música, literatura e tantas outras manifestações a marca desse passado rural de luta e de resistência. Tanto na Zona da Mata, onde se formou o que Gilberto Freyre chamou de civilização do açúcar, quanto no Sertão, onde se constitui a civilização do couro, nos dizeres de Capistrano de Abreu, as heranças culturais do mundo rural resistem, mesmo com a urbanização da sociedade nordestina. As cidades trazem, inclusive, as marcas dessas heranças que vão residir e resistir no mundo urbano em expansão.

Dentre as heranças culturais sertanejas, uma das mais marcantes é a dos Profetas da Chuva. Trata-se de homens e mulheres que trabalham na roça e que se utilizam de sinais da natureza para preverem as condições climáticas, especialmente saber se haverá chuvas, ou seja, se o inverno será bom. Um conhecimento empírico, baseado no conhecimento da natureza e em experiências que passam de geração em geração. Conhecimento fundamental para planejar a plantação e a colheita. Cada profeta tem uma forma peculiar de se conectar com a natureza e interpretar seus sinais para saber se haverá chuvas ou não. Observar o comportamento das abelhas e das formigas, a casa do João-de-Barro, a resina das árvores, a floração do mandacaru e tantas outras manifestações do seu bioma é condição para que os profetas façam suas previsões, cada um à sua maneira.

O avanço tecnológico e os sistemas de previsão meteorológica por satélites e computadores avançados não aposentaram os profetas. Ao contrário, em diversas cidades do semiárido nordestino realizam-se encontros anuais para ouvir as previsões dos profetas. Todos querem ouvir deles se e quando choverá durante o ano. Muitos cientistas participam desses encontros, nos quais tradição popular e ciência convivem lado a lado. A cidade de Quixadá, no Ceará, realiza anualmente em janeiro o mais tradicional desses encontros.

Os dois cordéis a seguir tratam desses temas. Antes de passear por eles, convidamos também os leitores e as leitoras para visitarem a página do Geopark Chapada do Araripe*, mantida pela Universidade Regional do Cariri - URCA. No sítio há uma série de dicas de leitura e de vídeos sobre o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. Uma busca pelo *Google* e pelo *YouTube* também oferecerá um conjunto de matérias (escrita e em vídeo) sobre os Profetas da chuva.

* <http://geoparkararipe.urca.br/>



O Beato Lourenço

Fernando Macedo

No tempo em que no Nordeste
O trabalho era na roça,
Transporte para quem tinha
Era jumento ou carroça,
Muito coronel burguês
Humilhava camponês
Com exploração, com troca.

Cansado de levar coça
Dos donos desse Sertão,
Contra dor, contra vileza,
Contra tamanha opressão,
O sonho da pobre gente
Era ter vida decente
Com terra, trabalho e pão.

Uns com rosário na mão,
Outros com armas no laço,
Viam na religião
Ou nos grupos do cangaço
Lenitivos para a dor,
Chance do trabalhador
Também mandar no pedaço.

Quem naquele duro espaço
Encontrou a solução
Para com seus semelhantes,
Ter terra, trabalho e pão
Foi um valente Beato
Cuja a luta aqui relato
Nas estrofes que virão.

Tereza da Conceição,
Uma preta alforriada,
Foi mãe de José Lourenço
Cuja vida aqui contada
Nos revela um lavrador
De coragem, de valor
E de fé inabalada.

Em data mal registrada,
No século retrasado,
Na década de setenta,
Paraíba por estado,
Nasceu o grande Beato,
Líder do campesinato,
E cristão bem devotado.

Desde novo no roçado,
Ou na lida de vaqueiro,
Zé Lourenço trabalhou
Na Paraíba primeiro,
Mas jovem saiu dali
Pra meca do Cariri,
A sagrada Juazeiro.

Por lá se entregou inteiro
Ao trabalho, à devoção.
Foi um grande seguidor
De Padim Ciço Romão
Que de pronto lhe ajudou,
Até terras lhe entregou
Pra fazer a plantação.

Mas havia condição,
Falou o Padim assim:
“Zé Lourenço te dou terra,
Porém não aches ruim,
Empregue esses meus roceiros
Que são muito bons roceiros
Faça tal favor pra mim!”.

Os pedidos de Padim
São sempre palavras santas.
Dessa forma Zé Lourenço,
Na fazenda Baixo D’Antas,
Começou o seu roçado
Por fiéis acompanhado
Encheu a terra de plantas.

Se te digo, tu te espantas,
Mas a terra que era dura
Por todos foi cultivada,
Em cada sementeira
A produção só crescia,
De tudo se produzia,
Ali se tinha fartura.

Tinha café, rapadura,
Mamoeiros e jaqueiras,
Cereais e hortaliças,
Laranjeiras e mangueiras,
Tudo bem distribuído,
Igualmente dividido
Com pessoas companheiras.

Mas em terras brasileiras,
O pobre trabalhador
Jamais pode prosperar
Com seu esforço e labor,
Porque logo o coronel,
De forma vil e cruel,
Mostra seu lado opressor.

Esse lado repressor
Muito rápido ocorreu
No distante vinte e três.
O Floro Bartolomeu,
Um sinistro deputado,
Lá do século passado,
Aos coronéis, socorreu.

O fato todo se deu,
Isso vale ser lembrado,
Porque muito lavrador,
Sem querer ser explorado
Por coronel salafrário,
Vil e latifundiário,
Fez na D'Antas seu roçado.

Por Lourenço comandado
Esse povo agricultor
Garantiu o seu sustento
Sem dever qualquer favor
Aos poderosos dali,
Por isso no Cariri,
Ricos sentiram pavor.

Pavor e muito temor
Do povo se libertar,
Por isso resolveram
Lourenço caluniar,
Espalharam um boato
De que nosso bom Beato
Vivia mesmo a pecar.

Então para piorar,
Num acesso de cinismo,
Ricos disseram que Zé
Espalhava fanatismo,
Até acusado ele foi
De reverenciar um boi
E fazer charlatanismo.

E seguindo o catecismo
Dos ricos da região,
O Floro Bartolomeu
Pôs Lourenço na prisão
E matou o boi Mansinho
Por quem Zé tinha carinho,
Mas não adorava, não!

E das grades da prisão,
Zé Lourenço viu Mansinho
Ser assado em plena praça
E servido em espetinho:
“Uma triste diversão
Pros coronéis de plantão” –
Pensou Zé, ali sozinho.

Livre seguiu seu caminho
E de volta pra fazenda
Viu de forma consternada
Uma cena bem horrenda:
Destruíram seu roçado,
Ficou tudo depredado,
Uma tristeza tremenda.

Depois puseram à venda
As terras onde plantava,
Mas Zé não ficou perdido
E na fé se segurava,
O Padim lhe deu a mão,
Lhe emprestou o Caldeirão
E tudo recomeçava.

Novamente se plantava,
Pois no sítio Caldeirão
de Santa Cruz do Deserto,
Fartura vinha do chão,
Todos juntos no roçado
Comida pra todo lado,
Fome lá não tinha, não!

Cada qual com seu quinhão
Naquela comunidade
Onde todos trabalhavam
E rezavam de verdade,
Sob ordens do Beato,
Aquele campesinato
Viveu com dignidade.

Porém a velha maldade
Logo se estabeleceu,
Após o Padim morrer,
Zé Lourenço padeceu
De muita perseguição,
Calúnia, difamação
Vejam o que sucedeu.

Quando o Padim faleceu,
Lourenço se desengana,
Pois pra surpresa dos pobres,
Também dos que tinham grana,
As terras do Caldeirão
Ficaram de doação
Para ordem salesiana.

Apesar de muita gana
E muita disposição,
Zé Lourenço e companheiros
Viram o seu Caldeirão
Atacado por soldados
Vindos de todos os lados
Sempre com armas na mão.

Até bombas de avião
Jogaram para explodir
Aquela bela fazenda,
Cena triste de exprimir,
Foi grande essa matança,
Adulto, velho, criança
Lutaram até cair.

Sem ter como resistir,
Após fazer oração,
Zé Lourenço se retira,
Abandona o Caldeirão,
Deixa para trás seus sonhos.
Os coronéis risonhos
Fazem comemoração.

Pra não chamar atenção,
Fez nova comunidade,
Bem pequena, bem discreta,
Na fé e simplicidade
Buscou fugir de problema,
Mas sem esquecer seu lema
De lutar por liberdade.

Já com avançada idade,
Zé Lourenço adoeceu,
E lá no quarenta e seis
Sua partida ocorreu,
Ter terra, trabalho e pão
Só com luta e união,
É lição que Zé nos deu.

Então digo, povo meu,
Lourenço deixou semente
Por terra, trabalho e pão.
No sonho da nossa gente
Será sempre lembrado,
Sempre reverenciado,
Sempre na luta presente!





Profetas da chuva, profetas do Sertão

Fernando Macedo

Um escritor, meu parceiro,
Lá de Quixeramobim,
Me lançou o desafio
Quando me falou assim:
“Sobre profetas da chuva
O tema cai como luva
Faça tal cordel pra mim”.

Respondi de bate-pronto:
“Eu lhe faço tal cordel
Pois o tema rende versos,
Ponho tudo no papel,
Os profetas eu respeito
Então vou versar direito
Como faz um menestrel”.

Antes preciso falar
E prestar minha homenagem
A meu avô Lobo Manso,
Homem de muita coragem,
Que dizia ser pateta
Quem se passa por profeta
Só para tirar vantagem.

Não são esses maus profetas,
Vigaristas, charlatões,
Que contam suas mentiras
Pra faturar uns tostões,
Que receberão meu verso.
Para estes, desconverso,
Não me dou com vendilhões.

Os profetas de quem falo
Trazem a sabedoria
Do trabalho, do roçado,
Das artes, da cantoria,
Da cultura popular,
Da tradição milenar,
Um saber com poesia.

É melhor que vocês saibam
E tenham mais consciência,
Conhecimento do povo
Vale como o da ciência,
Escutem-me, por favor,
O tal anel de doutor
Não garante sapiência.

Profecia no Nordeste
Tem origem secular,
Nasceu do viver do povo
Que, sem ter com quem contar,
Formou a própria cultura
Com sangue, suor, bravura,
Também com fé singular.

Sobre profetas da chuva,
O que posso lhes dizer?
São mulheres e são homens
Que labutam pra viver,
Lutam na zona rural
E do meio natural
Tiram todo seu saber.

Antes mesmos dos satélites
E da tecnologia,
Eram esses sertanejos
Que no nosso dia a dia
Sem medo de contratempo
Davam previsões do tempo
Com muita sabedoria.

Chuvas fortes, chuvas fracas
Secas ou inundações,
Profetas sabem de tudo
Sempre fazem previsões,
Das coisas da natureza,
Donde tiram com certeza
Todas as explicações.

Conhecem muito de clima,
Relevo e vegetação,
Entendem de ecossistemas,
Sabem qual a posição
De nossas tantas estrelas
E por tão bem conhecê-las
Fazem boa previsão.

Por isso que no Nordeste,
Mesmo no tempo moderno,
O sertanejo mais simples,
Sem estudos e sem terno,
É capaz de nos dizer
O mês em que vai chover
E se teremos inverno.

Esse bom conhecimento
Que vem por anos a fio
Ajuda na agricultura
Quando se faz o plantio,
Porque nosso agricultor
Do tempo conhecedor
Vence qualquer desafio.

Agindo desta maneira,
Usando conhecimento,
Esse povo muito sábio
Consegue dar provimento
Pra lavoura, pro roçado
E não ser prejudicado
No seu bom planejamento.

Eu agora vou fazer
Um resumo de primeira,
De como nossos profetas
Cada qual a sua maneira
Fazem observações
Que permitem previsões,
Isso não é brincadeira.

O sertanejo conhece
As aves do seu torrão
E sabe que todas elas
Têm sua própria canção
Pra falar que a chuva vem
Ou pra nos dizer também
Sobre a seca no Sertão.

Quando Maria-de-barro
Faz a casa tendo à frente
A porta toda voltada
Pro lado do sol nascente,
Nós não teremos inverno,
Terra virará inferno
De tão quente, minha gente!

Mas se Maria-de-barro
Faz a casa tendo à frente
A porta toda voltada
Pro lado do sol poente,
É alegria, meu povo,
Teremos chuva de novo
Para plantarmos contente.

Colocando no sereno
Monte de pedra de sal,
Isso no mês de dezembro
Bem juntinho do frechal,
Se tal monte desmanchar
Podemos comemorar:
Temos chuva, pessoal!

O cantador João do Vale
E o mestre Gonzagão
Narraram em suas músicas
Os segredos do Sertão:
“Arapuá já fez mel
Vai cair chuva a granel”
Cantou nosso bom João.

Movimentação dos bichos
No céu, das constelações,
Comportamento da fauna,
E das suas florações,
Saber o rumo dos ventos
São alguns conhecimentos
Pra se fazer previsões.

Como são muitas dezenas
De mensagens e sinais,
Eu não posso citar todos
Porque seriam demais,
Mas eu queria dizer
Para prever tem que ter
Saberes especiais.

Todo este conhecimento
Das condições naturais,
É legado pelas mães
Assim como pelos pais
Para as novas gerações
Que mantém as tradições
Dos saberes ancestrais.

Também velhos almanaques,
Os encontros lá nas feiras,
Os folhetos de cordel,
As cantorias ligeiras,
As rádios deste Sertão
São meios de difusão
Dessas tradições primeiras.

E vejam que bom exemplo
O Sertão Central nos dá:
Lavradores, cientistas
Na querida Quixadá
Participam todos juntos
Falam dos mesmos assuntos
Num encontro que tem lá.

Porque no segundo sábado
De todo mês de janeiro,
Essa tão bela cidade
Recebe de corpo inteiro
Os profetas, cordelistas,
Cantadores, cientistas
Num evento bem maneiro.

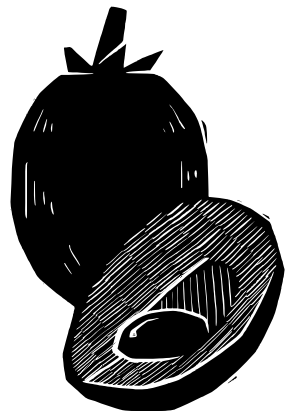
Nesse encontro tão famoso,
O maior da região,
Cada profeta nos diz
Sobre sua previsão
Para as chuvas, para o clima,
E cada presente estima
Como fazer plantação.

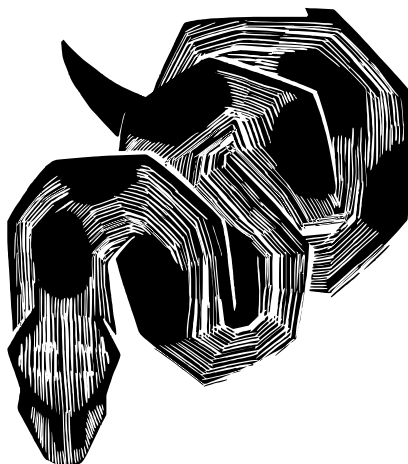
Esse mesmo evento tem
Em muitas localidades
Espalhadas no Nordeste,
Em diferentes cidades,
Pois todos querem saber
As previsões pra poder
Evitar dificuldades.

Este meu simples folheto
É singela deferência
Aos profetas que nos legam
O saber da experiência.
São guardiões da cultura
Que ficam na mesma altura
Dos senhores da ciência.

Por isso peço que tenham
Carinho e muito respeito,
Valorizem nossa gente
E não venham pôr defeito,
Vamos todos divulgar
E também valorizar
O que é nosso por direito.

Eu agora me despeço,
Meu leitor, minha leitora,
Viva a nossa tradição,
Tão bonita e redentora,
Pois cultura popular
Ninguém há de contestar
É nossa força motora.





A origem rural do cordel



A literatura de cordel atualmente está presente nas grandes cidades brasileiras, não só no Nordeste, mas em todas as regiões. Constitui um patrimônio nacional consolidado, reconhecido em 2018 pelo Ministério da Cultura como Patrimônio Imaterial Brasileiro, o que apenas formalizou uma posição socialmente estabelecida.

Os cordelistas e as cordelistas espalhadas pelo Brasil têm origem diversa e se conectam pela Internet ou se encontram pessoalmente em feiras e eventos literários, como a Bienal do Livro de São Paulo, que destaca um pavilhão inteiro para a literatura popular. O cordel participa de um mercado editorial significativo, o seu texto rimado foi parar em diversos formatos editoriais, como livros, quadrinhos, pôsteres, revistas e almanaques, além, é claro, no tradicional folheto, que ainda permanece como seu principal suporte de veiculação. As editoras especializadas procuram manter um nível de profissionalização competitivo e atuam na captação de recursos públicos das leis e programas de incentivo à cultura.

O momento reflete a própria realidade brasileira, urbana e globalizada, bem diferente do Brasil rural do início do século XX que viu o folheto se popularizar nos vilarejos, nas pequenas e nas médias cidades do interior do Nordeste, bem como na zona rural, impulsionado pela instalação de pequenas gráficas que davam conta de publicizar uma produção de poetas que, por mais talentosos, acumulavam sempre outros ofícios para garantir a subsistência sua e da família. A agricultura e a pecuária eram o binômio que ocupava boa parte da mão de obra desses poetas. Ao mesmo tempo, aquela produção editorial voltava-se para atender um público ávido por boas histórias e por notícias de primeira mão para serem lidas em voz alta nas varandas, nas sombras de árvores e nos pátios dos sítios e das fazendas do Sertão.

A origem rural de quem integrava a cadeia econômica do produto folheto de cordel, a saber, o poeta ou a poeta, o editor (gráfico), o

gravurista (xilogravurista), o folheteiro (quem comercializava) e, por fim, o público, unia uma identidade comum que, inevitavelmente, transparecia para os temas poéticos. Neste sentido, os saberes, as crenças, o léxico, os hábitos, enfim, toda uma cultura sertaneja, compareciam no texto e, mais ainda, aderiram à identidade do próprio gênero textual e à sua materialidade.

Ora, o contexto desta produção literária emergia, em última instância, da questão fundiária subjacente na própria condição socioeconômica dos produtores e receptores, caracterizada pelo latifúndio e pelas relações de trabalho dela decorrentes, que se configuravam ideologicamente para conservar as concentrações de renda e de terra. O que restava ao homem e à mulher trabalhadora do campo era cultivar a terra que lhes cabiam com os poucos recursos e com as técnicas que, às vezes, se confundiam ou se imbricavam com crenças e superstições passadas de pai para filho, mas eram estes saberes os disponíveis e úteis para se manter um roçado de subsistência, a criação de gado, as práticas extrativistas, a caça, a pesca, a medicina caseira e, sobretudo, o convívio com o regime de chuvas do Semiárido.

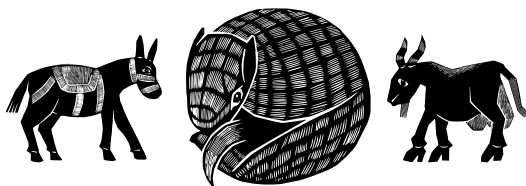
O trabalho intenso com a terra nas atividades agropecuárias moldava um modo de vida que resvalava nas atividades artísticas, das quais o cordel, o reisado e a cantoria de viola são caudatários. Estas manifestações artísticas procuravam representar o local de origem, a comunidade rural, a fauna e a flora do Sertão, o que fica bem evidenciado na brincadeira do reisado, cujas coreografia e personagens, de maneira alegórica, exibem os valores de quem trabalha no campo. O Boi, a Burrinha, o Babau, o Carcará, os Urubus, a Caipora, a Alma, o Jaraguá, a Veia e outras figuras do reisado de caretas encenam a própria vida dos agricultores.

Os cordéis a seguir exemplificam um pouco o que estamos comentando aqui. *A Revolução dos bichos*, de Fernando Macedo, o primeiro desta seção, mais do que enumerar a bicharada, recupera as fábulas de moralidade tão comuns nos contos tradicionais portugueses, cujo fundo moral, no caso, recai no sentimento de preservação da fauna

local. Por outro lado, conecta-se com as divindades que protegem a mata presentes nas rapsódias dos nossos povos originários. Como não lembrar do mito do Caipora? O menino protetor das plantas e dos bichos, com os pés virados para trás. O caçador deve deixar fumo para o cachimbo do Caipora, pedindo licença para adentrar no seu habitat, espécie de pedágio e autorização. No folheto de Fernando, se não aparece o Caipora propriamente dito, é o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) que é desrespeitado, pois na escala capitalista só mesmo o Estado para mediar o interesse público diante da sanha acumulativa das grandes corporações transnacionais. No cordel, a caça julga o caçador, mas há também um sentimento de vingança da estirpe de outro mito indígena, o jabuti, bicho inteligente e vingativo que consegue vencer os poderosos.

Na sequência, as quadras de Gescélio Coutinho, *Mania sertaneja*, exibem a culinária das casas sertanejas, fartura que se extrai das culturas de subsistência que marcam o povo nordestino, o milho, o leite, a carne, a cana-de-açúcar, a mandioca, o feijão constituem a base da alimentação e que se desdobram no queijo, na manteiga da terra, no cuscuz, na tapioca, na farinha, na carne de sol, na rapadura e em outras variedades que Gescélio relembra com saudade em estrofes de quatro versos, um dos modos poemáticos do cordel com a sextilha, a heptilha e a décima.

Para finalizar, Fernando volta com o belo folheto “O São João do Conselheiro”, que arremata a origem rural do cordel sintetizando-a na festa mais popular do Nordeste brasileiro, os festejos no mês de junho, dos santos católicos, São Pedro, São João e Santo Antônio. A festa da colheita nos faz lembrar que nos levantes populares como o Caldeirão e Canudos, a agricultura familiar e a partilha comunitária estavam no centro da utopia desejada. Conselheiro volta da mansarda celestial para aproveitar o forró e as quadrilhas e para celebrar uma vida plena, mais alegre por ser mais justa e mais feliz por ser mais integrada com a natureza.



A revolução dos bichos do Sertão

Fernando Macedo

Os bichos do meu Sertão
Resolveram se juntar
Para combater humanos
Que ficam a lhes caçar.
Caça virou caçador,
Leiam o que vou contar!

A revolta começou
Quando pela madrugada
Uns mundiças do capeta
De consciência malvada
Começaram a caçar
De forma indiscriminada.

Os caçadores perversos
Desrespeitaram o IBAMA,
Destruíram fauna e flora,
Nisso fizeram a fama,
Só caçavam por dinheiro
Tais safados da desgrama.

Contra esse descabimento,
Discursou o pato rouco
Que disse: “pra quem nos fere
O castigo sempre é pouco”
Tais palavras mexeram
Até com quem era mouco.

É por isso que os bichos,
Em perigo de extinção,
Resolveram unir forças
Pra fazer revolução,
Pato rouco foi o líder
Que lhes deu a direção:

“Nós vamos juntar as forças
Contra nossos predadores,
Vamos pegar esses homens
Que são nossos caçadores
Depois nós os julgaremos
Segundo nossos valores”.

E durante tal discurso,
Aumentava a bicharada,
Chegada dos quatro cantos,
Fauna bem representada,
Não faltou qualquer espécie
Pra formar essa brigada.

Cada animal reunido
Tomou sua posição
O líder foi pato rouco;
General foi o falcão,
A coruja, conselheira,
Para dar opinião.

Fizeram agrupamento
Por ordens do general,
Os bichos foram lotados
Como diz o manual,
Cada qual numa função
Coisa profissional.

Os pássaros formaram
As tropas espaciais,
Exército se montou
Com milhões de animais,
Marinha se fez com peixes
Dos rios e litorais.

Foram traçados os planos
E passaram instrução:
Trariam dois caçadores,
Os maiores do Sertão,
Também um consumidor
Para lhes darem lição.

“Afinal” diz a coruja,
Nossa grande conselheira,
“Pessoa que compra caça
É inimiga certa,
Merece ter seu castigo,
Não tamos pra brincadeira!”

Porém, na beira do lago,
Perto da vitória-régia,
A rã lembrou muito bem
Que sem uma corte egrégia
Não seria nada justo
Seguir com tal estratégia.

A sábia coruja disse:
“Essa rã tem a razão
Porque nossos inimigos
Merecem o que não dão,
Faremos de modo justo
Com defesa e acusação”.

Foi montado na floresta
O poder judiciário,
Toda fauna com direito
A falar em seu plenário,
E no júri o macaco
Foi o juiz mandatário.

O tatu foi nomeado
O temido promotor,
Pra defender acusado,
Jumento virou doutor,
Acusação e defesa,
Eis a corte de valor

Pegaram os dois caçadores,
Todos dois do Seridó,
Eram ruins feito o demo,
Dos bichos não tinham dó,
Um era Pedro de Zefa,
O outro, seu primo Chicó.

Quem encomendava caça,
O maior consumidor,
Era sujeito famoso,
Um ilustre professor,
Não tiveram pena dele
Levaram pro promotor.

Abriram o tribunal,
Começou o julgamento.
O tatu ficou dum lado,
Noutro, ficou o jumento,
Acusação e defesa,
Cada qual deu provimento.

Os dois primos caçadores
Lutaram pra se safar,
Alegando que caçavam
Apenas por precisar,
Eram dois mortos de fome
Nem tinham onde morar.

Mas o promotor provou
Que os dois espertalhões
Ganharam muito dinheiro,
Eram grandes vendilhões,
Só com caças ilegais
Faturaram dez milhões.

Os jurados votaram,
Cumpriram rito sumário,
Consideraram culpada
A dupla de salafrário
Que teria por destino
O sistema carcerário.

Nosso professor glutão,
Um tremendo comensal,
Foi tachado pelos bichos,
Do Sertão e litoral,
De gostar de comer caça
Nisso quase se deu mal.

Chamaram para depor
O bondoso São Francisco
Que junto com São João
Tomava uns goles de pisco.
Diz o Santo em testemunho:
“Pelo professor me arrisco”.

“Ele curte comer caça,
É assim desde pequeno,
Porém é sujeito bom
É doutor muito sereno,
Ensina com devoção,
Ensina de modo pleno”.

Ouvindo aquelas palavras
Do seu Santo Protetor,
E porque o réu confesso
Era grande professor,
O juiz deu a sentença,
Eis aqui o seu teor:

“Como tu és um caboclo
Fruto do nosso Sertão
E mesmo comendo caça,
Tu tens um bom coração,
Trabalharás para os bichos,
Eis tua condenação”.

Nosso professor ouvindo
As palavras do juiz,
Aceitou sua sentença
E meditabundo diz:
“Serei daqui por diante
Ecologista raiz”.

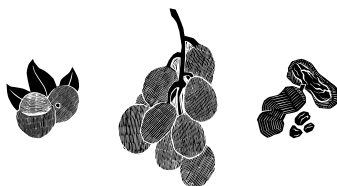
“Cuidarei da Natureza,
Com força, com energia.
Eu protegerei os bichos,
Toda noite, todo dia,
Falarei em minhas aulas
É da agroecologia”

“Pra me transformar de vez,
Juro que não vos engano,
Daqui pra frente farei
A dieta do vegano,
Nunca mais comerei carne
Este será o meu plano”.

E quanto aos dois caçadores,
Assassinos de plantão,
Por serem muito perversos
E terem mau coração,
Eles ficaram pra sempre
Enjaulados na prisão.

A carceragem ficou
A cargo da cascavel,
Que frescou com esses dois,
Destilando muito fel:
“Espero que vocês gostem
Do confortável hotel”.





Mania Sertaneja

Gescélio Coutinho

E aquele cheiro do cuscuz
Que vem de dentro da cozinha,
A preparação pela mamãe
Da tapioca bem fininha.

O café coado na hora
Que foi torrado em casa,
O ferro de engomar
Bem cheinho de brasa.

As roupas todas quarando
No Lajedo da beira do rio.
Um feixe de lenha para queimar,
Abrochado com salsa ou com fio.

O suco de tamarindo
Que foi amassado à mão.
Feijão todo separado,
O seco do maduro no chão.

Um pé de cajarana
Todo bem carregado.
Manguita do pé da Serra
E os meninos tudo atreçado.

Cana-de-açúcar descascada
Para a criançada chupar.
Um cacho de banana madura
Para a gente se alimentar.

Uma sacola de seriguela
Abafada para amadurecer.
Um pé de ata madura
Bem docinha para comer.

Galinha caipira cheirando
Lá da casa da vizinha.
Rapadura toda cortada
Para misturar com farinha.

Queijo estendido na tábua
Esperando ele secar.
Coalhada de leite cru
Para a meninada jantar.

Uma caçarola de avoante
Com pimenta e o óleo torrando.
Jerimum cozido as talhadas,
Chega se ver fumaçando.

Macaxeira toda sequinha
Pronta para ser comida.
Matume de batata rachada
No ponto de ser colhida.

Uma panela de mungunzá
Com tempero de toucinho.
Uma bacia de alguidar
Com espigas de milho quentinho.

Buchada de bode com arroz
E uma pinga da amarela.
Sarrabulho de carneiro
Misturado em uma panela.

Corredor de boi no feijão
Para retirar o tutano.
Banha de porco derretendo
E os torresmos que vão sobrano.

Peixada na beira do rio
Com pirão feito escaldado.
Feijão maduro do inverno
Com nata e bem temperado.

Melão pepino rachado,
Chega exala o seu cheiro.
Goiaba madura no pé
Lá na frente do terreiro.

Água de coco gelada
Para curar um ressecado.
Mingau feito de Maizena
E os meninos na rede deitado.

Coquinho de carnaúba
Derrubado com baladeira.
Limão cortado com sal
Para levar pra bebedeira.

Laranja com bagaço e tudo
Para evitar má digestão.
Um pé de ameixa cheirando
No mato no meio do Sertão.

Maxixe do Pará cozinhando
Em uma panela de barro.
Um prato de fava amargosa
Daquela que deixa pigarro.

Paçoca de gergelim
Com farinha e rapadura.
Cangica com leite e canela
Simbolizando a fartura.

Cebola e pimenta de cheiro
Para o baião temperar.
Carneiro assado na brasa
No aniversário para comemorar.

Vatapá e creme de galinha
Na festa do padroeiro.
Espetinho de tripa de porco
Que de longe se sente o cheiro.

Essas são algumas manias
Da realidade sertaneja.
Podem então apreciar
Quem duvidar venha e veja.



O São João do Conselheiro

Fernando Macedo

Pessoal, por favor leia
Meu cordel com atenção,
Vou narrar o que se deu
Num dia de São João
Esse caso verdadeiro
Ocorreu lá no Sertão.

O fato começou quando
No mês de junho corrente
Uns bambas lá do Nordeste
Resolveram de repente
Retornar para esse mundo
Se juntando a nossa gente.

Foi Antônio Conselheiro
De tal ideia mentor,
Ele falou pro seu povo:
“Escute-me, por favor,
Nós desceremos à Terra
Num jumento voador.”

Isso porque Conselheiro
Queria festa junina,
Queria dançar forró,
Balançar sua batina
Mas pra tanto precisava
Sair do céu na surdina.

Ele relatou seu plano
Pro bondoso São João.
Disse-lhe: “Vou escapar,
Preciso que me dê a mão,
Afinal, vou fazer festa
Para tua louvação”.

O santo ficou surpreso
E falou pro Conselheiro:
“Abro o portão pra vocês,
Mas seja bom cavalheiro
Jure voltar de manhã
Pra Deus não ficar cabreiro”.

Junto com nosso Beato,
Escapuliu muita gente
Conselheiro discursou
E lembrou solenemente:
“Nós vamos nos divertir,
Mas é de modo decente”.

Quando soube dessa fuga
Do povo que tava no céu
Lampião estrebuchou,
Fez o maior escarcéu:
“Eu vou fugir desse inferno
Junto com meu povaréu”.

“Vou me juntar ao Beato
Lá em Quixeramobim,
Nós vamos nos divertir
No primeiro botequim,
Quero beber com meus cabras,
Sei que todos tão afim”.

Em seguida Conselheiro
Entrou no bar do Zelão,
E já foi organizando
A festa de São João
Que ficou mais animada
Quando chegou Gonzagão.

Até Beato Lourenço
Apareceu no boteco,
Padim Ciço foi entrando,
Tocando seu reco-reco,
Quando viu o seu Padim,
Lampião teve um treco.

Porém logo ficou bom,
E já pediu a cachaça,
Viu Zé Saturnino e disse:
“Nós agora somos parça”
Nísia Floresta chegou
E deu ar da sua graça.

Maria Bonita disse:
“O forró pra começar
Precisa de mais mulher
Pra poder formarmos par,
Sem isso fica difícil
Todo esse povo dançar”.

Travesti Kettlyn Velasques,
Coberta de brilhantina,
Falou para a cangaceira:
“Mulher, que ideia cretina!
Para formar um bom par
Todo gênero combina”.

“Me desculpe, minha amiga,
Você tem toda razão”
Disse Maria Bonita
Que saiu pelo salão,
Dançando com Enedina
Pra susto de Lampião.

Quem se juntou ao Padim
E também a Gonzagão
Foi um cabra bem batuta
O Santo Frei Damião,
Que começou a tocar
Nas cordas do violão.

A festa tava animada
Com gente de todo lugar,
O povo alegre dançava,
Dançava até se esbaldar
Tinha quem dançava só,
Tinha quem dançava em par.

E num disco voador,
Que vinha muito veloz,
Pousou no meio da praça
Nossa Rachel de Queiroz,
Que se juntou ao forró
Emprestando sua voz.

Domiguinhos na sanfona
E Jackson no pandeiro
Incrementaram a festa
Com suingue brasileiro,
Tocaram muito forró
E bom coco no terreiro.

Ariano Suassuna
Montado no boi Rabicho
Chegou com sua zabumba,
Zabumbava no capricho,
Bezerra da Silva diz:
“O som do véi é o bicho!”.

Barbara Alencar avisa:
“Não quero ninguém parado,
Vamos dançar um forró
E também um bom xaxado”
Foi quando Fideralina
Chegou com Cego Aderaldo.

Jovita Feitosa veio
Com toda sua patente,
Virou pro Cego e falou:
“Por favor, faça repente,
Verse com Chica Barrosa
Bem aqui na minha frente.

“Respeito sua patente,
Mas hoje não verso não,
Eu só quero bater coxa
E tomar muito quentão”,
Disse o Cego quando entrou
Zefinha de Chabocão.

Conselheiro chamou todes
E falou de sopetão:
“Temos de fazer quadrilha,
Afinal, é São João,
Cada qual tem um papel,
Então prestem atenção:

A noiva será Dandara,
O noivo será Zumbi,
Jararaca, delegado,
O padre sou eu aqui,
Pra sacristão, Patativa,
São esses que eu escolhi.

Também foram escolhidos
Por ordem de Lampião:
Irmã Dulce pra juíza,
Vitalino de escrivão,
A madrinha foi Mocinha
Ao lado de Azulão.

A quadrilha começou,
Fizeram o casamento,
Os noivos foram pro céu,
Foram naquele jumento,
O forró continuou,
Marinês deu provimento!

A festa tava demais,
Porém, logo na alvorada,
Conselheiro resolveu
Fazer sua retirada,
Lembrou-se de São João
E da promessa firmada.

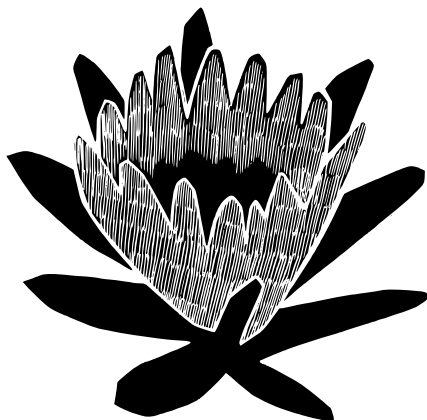
Por ser homem de palavra
Disse sem pestanejar:
“Agora nós arribamos,
Precisamos retornar”.
Lampião disse: “Tá certo!”,
E deu ordens pra voltar.

Os que voltaram pra baixo
Desceram de elevador,
Avistaram satanás,
Logo sentiram calor,
Apesar de castigados
O forró valeu a dor.

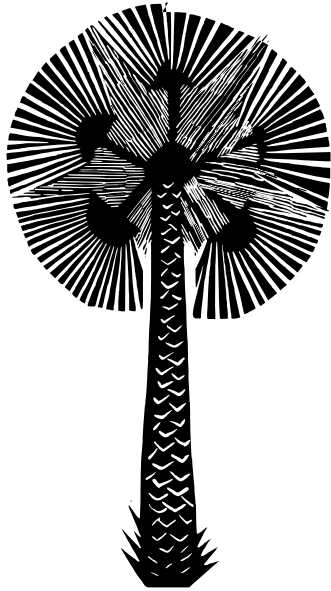
Aos que voltaram pro céu,
Rachel fez grande favor,
Emprestou pra Conselheiro
O seu disco voador.
Assim chegaram depressa
À Casa do Criador.

Aqui termina o cordel
Dessa festa no Sertão,
Todes ficaram felizes
Sobretudo São João,
Que ficou lisonjeado
Com tão bela louvação.





Biografias dos autores





Fernando Macedo

Professor titular do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas/IE-Unicamp. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde fez mestrado em Economia. Doutorou-se em Economia Aplicada pela Unicamp. Autor de dezenas de artigos sobre desenvolvimento regional no Brasil. Escreveu os livros *Desenvolvimento regional no Brasil no século XXI*; *Jáder de Carvalho e o Nordeste: literatura, jornalismo e região*; *História econômica e organização espacial: o caso capixaba*, além de ter organizado outras obras. Coordena o Grupo de Estudos das Transformações Econômicas e Territoriais - GETETE. É cordelista desde 2021, com vários folhetos publicados pela Aluá Editora.



Natanael Douglas Alves Feijão

O autor tem 21 anos. É músico desde os 7 anos, quando se apresentou com sua guitarra de papelão na escola. Descobriu sua paixão pelo cordel aos 10 anos quando descreveu as belezas do seu lugar em poesia. Ganhou prêmios no município de Quixeramobim escrevendo sobre a história de Antônio Conselheiro no conhecido Concurso anual *Conselheiro Vivo*. Teve seu primeiro folheto de cordel publicado em 2013. Amante da música e do cordel busca com sua arte alegrar e inspirar as pessoas com quem convive e falar das belezas da sua terra. Na sua página no Instagram @natanfeijao_, divulga seus escritos de maneira simples, mas com uma riqueza de sentimentos, arte e beleza.



Rodrigo Marques

Professor da Universidade Estadual do Ceará, atua no curso de Letras do Campus de Quixadá (FECLESC). Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (2015) e pós-doutor em Literatura Comparada pela USP. Editor da Aluá Editora. Possui sete livros publicados: *Fazendinha* (2005), *O Livro de Marta (bilhetes de amor quebrado)* (2011), ambos premiados pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, *Antônio Sales* (biografia) (2016), *Literatura Cearense: outra história* (2018), pelas Edições Dummar; *A Nação vai à Província: do Romantismo ao Modernismo no Ceará* (2018/UFC), *O Dragão e os pássaros enfurnados* (2021) e *Pôr do Sol, Jangurussu* (2024). Sua tese de doutorado, *A Nação vai à Província: do romantismo ao Modernismo no Ceará*, foi premiada como a melhor tese de 2015 na área de Humanas da UFC.



Gescélio Coutinho

Nascido em Quixeramobim, no Ceará, o autor é professor especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia, músico e poeta, integra diversas antologias poéticas pelo Brasil. Atualmente lançou o dueto poético com a autora Wanda Rop, de Rondônia, com o tema: *Poetizando ao luar do Sertão*. Em 2023, recebeu os diplomas das seguintes academias: AILAP – Academia Internacional de Literatura e Artes – Poetas Além do Tempo; e da AILB - Focus Brasil – Academia Internacional de Literatura Brasileira. Participou do Desafio Poético sobre o tema Família pela Revista The Bard, colabora para os sites Pensador, Recanto das Letras está lançando agora o livro solo *Vestígios de Sentimentos e o cordel*, preserve o Galo Campina. O Poeta também escreve textos para aniversários, cerimônias e homenagens.



Ilustrador





Silva Barros

Artista visual, ilustrador e gravurista. Já ilustrou diversas capas de cordéis e de livros. Participou de formações nas áreas da literatura popular e da gravura como instrutor pelo SESC Quixeramobim, pela Casa de Saberes Cego Aderaldo, pela Casa de Antônio Conselheiro e pelo Porto Iracema das Artes, no projeto aBarca. Atualmente, é Diretor de Arte na Aluá Editora.



Nordeste em prosa e cordel é um livro multidisciplinar que reúne informações básicas sobre a Região Nordeste do Brasil em variados aspectos: econômicos, sociais, antropológicos, geográficos, artísticos, políticos e históricos. Funciona assim como valioso instrumento didático e paradidático para ser lido por estudantes e docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, ou também por quem deseja conhecer o território nordestino numa perspectiva plural: um território de resistência; documentado aqui tanto em prosa quanto em verso, ricamente ilustrado por desenhos inspirados na xilogravura popular. Uma leitura que nos integra às nossas raízes e dimensiona a tradição e as transformações nacionais em curso.



UNICAMP

PROECC
Pró-Reitoria de Extensão
Esporte e Cultura



DCult
Diretoria de Cultura